

# S E R M A M

## ENCOMEASTICO, E DEMONSTRATIVO

da indubitauel justiça, cõ q̃ o serenif. Rey D. IOAM o IV. foy acclamado neste seu reyno, pregado pello P. M. Fr. Luis de S<sup>ta</sup> Cathedratico de Theologia da Vniuersidade de Coimbra, & Religioso do D. melifluo da Igreja S. Bernard. na acção de graças q̃ a Camara da mesma Cidade veo dar no real mosteiro de S. Crus por esta merce do ceo, em o 3. Domingo do Aduento 16. dias de Dezembro do felicissimo an. de 1640.

Dirigido à S. & R. M. d'Elrey N. S<sup>ñor</sup> D. IOAM o IV. no nome, & na ord<sup>m</sup> 18. dos verdadeiros Reys de Portugal. Desima sexta geração do primeiro Rey Dom Affonso a eilo propheticada, & de uos esperada ha tantos annos.



## Licenças.

**V**I por mandado do concelho geral do S. Officio este sermaõ pregado pello muyto R. P. D. Fr. Luis de Saa cathedratico na Vniuersidade de Coimbra, nelle não achei cousa algua repugnante a nossa S. Fee, & bons costumes. Lisboa no conuento da S. Trindade em 4. de Feureiro de 1641.  
o D. Fr. Adriaõ Pedro.

**V**ista a informação podesse imprimir o sermaõ q̄ pregou o P. D. Fr. Luis de Saa no mosteiro de S. Crus da cidade de Coimbra, & depois de impresso tornarã ao Conselho, para se conferir com o original, & se dar licença pera correr, & sem ella não correrã. Lisboa 5. de Feureiro de 1641.

Pedro da Silua. Francisco Cardozo de Torneo. Pantaleão Rõiz Pacheco.

**V**ista a licença do Sancto Officio, podesse imprimir, Coimbra 22. de feureiro 1641.  
Abreu.

**Q**ue se possa imprimir este sermaõ vistas as licenças do S. Officio, & Ordinario, & depois de impresso tornarã a esta meza pera se taixar & sem isso não correrã. Lisboa 9. de Feuer. de 641.

S. Cesar.

Menezes.

Esta conforme com seu original. Lisboa de Abril 1641.

O D. Fr. Adriaõ Pedro.

Vista a conferencia pode correr este Sermaõ do P. D. Fr. Luis de Saa Lisboa de Abril 1641.

Pedro da Silua. Francisco Cardozo de Torneo. [Pantaleão Rõiz Pacheco.

Taixaõ este Sermaõ a reis em papel. Lisboa de Abril 1641.  
S. Cesar. Menezes.

## Erratas.

Na pag. li. 6. ante finem lesse incidere in foueam quam fecerunt. fol. 4. ver. li. 4. lesse alienagenarum. fol. 7. lesse que hum reyno. fol. 8. li. 3. ante finem lesse quem era quem era. fol. 10. ver. li. 18. lesse Dom Affonso o terceiro. fol. 15. ver. li. 25. lesse & amodo. fol. 18. li. 8. lesse voluentibus annis, na mesma pag. li. 13. lesse populos contunder.

# Senhor.



ffereço a V. R. Magestade neste sermão, que preguei no real mosteiro d. S. Cruz desta Cidade de Coimbra a ella mesmo, q̄ eu fuy o q̄ a ganhei pera V. R. Magest. porque, as armas com q̄ V. R. Magest. tem conquistado este seu reyno, os clarins de Iericho forão q̄ os sacerdotes tocamos em sua apelação, seruindo os sermoës, q̄ nesta acção se pregarão, de peças de bater as fortalezas dos coraçõens lusitanos, q̄ às vozes destas legitimas trombetas Euangelicas se vendião (a seu natural senhor dado por Deos) qual outro Iericho al osue: & posto q̄ em todo o tempo as armas desta real, & sempre leal Cidade de Coimbra, aruoradas na sua torre de Hercules, califiscarão bem o grande valor, & animo cõ q̄ os moradores della seruirão sempre a seus Reys & naturais senhores, inda nos maiores riscos, por q̄ nunca a Serpente de Portugal intentou tragar, & desfazer o Leão de Castella, sem q̄ Coimbra com rosto alegre, & rizonho, não fesse a principal parte em sua ajuda. Oje senhor pellos excessos de amor, & finezas de lealdade q̄ mostrou a V. R. Mag. quando não tiuera merecido este tão hõrrado braço de suas armas, pellos seruiços passados, as estava merecendo. Por q̄ à primeira noua q̄ nos chegou de nossa felicidade, & restauração, obrada pella pessoa real de V. mag. não oune Dama, q̄ milhor rosto mostrasse q̄ Coimbra, & no valor, não ha nella caualeiro, q̄ Hercules seu fundador não esteja parecendo, no animo com q̄ fica disposto contra o Leão de Castella, por parte da Serpente real de Portugal. Donde nace que se Lisboa metropoli deste reyno foy mais venturoza em ser a primeira q̄ tomou a voz de V. R. Mag. mais mereceo Coimbra, dando credito ao seu Coruo q̄ fez o officio de Pomba, em dizer era fenicido o diluuiio, & iẽpestade em q̄ todos andauamos perdidos, pois so por fee, q̄ he onde assenta o amor, & a vista de hũa carta dos dons gouernadores Arcebispos, sem ver este seu bem, q̄ he o premio do maior merecimẽto, creo logo tanta ventura, sãdo q̄ quãto mais dezejada, maior recco metia. Dando publicos viuas pellas praças, & ruas deste pouo, toda a nobreza delle, appellidando o Real Real por V. Mg. ardendo todas as noytes em fogos & luminarias, & os dias todos ora a cavallo, acompanhando o estendarte real publicamente, toda a nobreza, ora mãdando na praça fazer comedias publicas em cada falços por castelhanos, pera alegrar mais o pouo, em ver q̄

Ecce dedi i  
n anis tuas  
Iericho. Sa-  
cerdotes tol-  
lent septem  
buccinas  
Iud. cap. 6.  
Glos. hic.  
Sacerdotes  
portantibus  
ductiles  
predicatio-  
nis scilicet  
magnificã  
calestem  
que doctri-  
nam.

ate elles nos ajudaõ festejar o vermonos libertados. A cuja imitação  
nossa, não ouue pouo nenhũ circũuisinbo, q̃ com bandeira a cavallo não viesse  
se a esta Cidade, querer lijongealla nas demonstraçoens alegres q̃ por V.  
R. Mag. estã inda oje fazendo, com tão excessso de amor, & lealdade, que  
chegou a escreuer coimbra, a villas muito nottaues tomassem logo a voz  
de V. R. Mag. dispondo se a com armas as obrigar quãdo ellas se des-  
cudassẽm.

E por q̃ do Ceo nos veo esta redensãõ segunda nossa, com publica pro-  
cisãõ em rendimento de graças, nos fomos a S. Cruz, onde estã o Mau-  
scolo do noso primeiro Rey D. Affonso Henriques, progenitor desimo sex-  
to de V. R. Mag. por q̃ no proprio dia em q̃ nos nesta terra lhe estauamos  
celebrando as memorias saudosas de suas sagradas cinsas, as teue elle  
tãõ viuas de nos todõs, q̃ ordenou renasse se V. R. Mg. como raro Phœnix del-  
las com tantos synais, & circunstançias, q̃ prometẽ perpetuidade a este  
imperio, q̃ for a crime não as fazer patentes a V. R. Mag.

Coubẽme S. a mim, a sorte de ser o primeiro pregador, q̃ esta Cidade esco-  
lheu pera esta açãõ: & se não tiue a ventura della scr feyta aos olhos de V.  
R. Mag. consolome com q̃ soy de fronte dos del Rey D. Aff. He irriques, sobre  
cuja sepultura por muytas vezes com lagrimas meus, compraraõ a gloria  
q̃ oje temos, de ver a V. R. Mag. restituído neste seu reyno.

Acceite V. R. Mg. Coimbra, q̃ na lamina deste breue papel vay esculpida,  
& o animo, & amor com q̃ ella esta disposta ao seruico de V. R. Mag. mostra  
rà o tempo, & muyto melhor, & mais a sua cõsta. o inimigo quando esta Da-  
ma se cõuertir em Hercules, na deffensãõ da Serpente, & na morte do Leão,  
a quem o Cras, do Coruo de Lisboa a este fim, lhe estã parecendo hũ seculo  
penoso; assi como a meus desejos, hũa eternidade larga, o tempo q̃ me tarda  
ver V. R. M. uniuersal monarcha de hũ dilatado imperio, como o Ceo pro-  
mete com os raros prodigios q̃ vemos cada dia, os synais del'e segurãõ, & tã  
tas prophecias testificaõ. nõso Senhor q̃ a V. R. Mag. nos deu, o guarde por  
muytos, & felices annos pera emparo nõso, & gloria de Portugal.

Seruo, & Capellaõ de V. Real Magestade

Venerunt vniuersæ tribus Israel ad Dauid in Hebron dicen-  
 tes: ecce nos os tuum, & caro tua sumus, sed & heri & nudi-  
 us tertius cum esset Saul Rex super nos, tu eras educens  
 & reducens Israel: dixit autem Dominus ad te, tu pasces po-  
 pulum meum Israel, & tu eris Dux super Israel: filius trigin-  
 ta annorum erat Dauid cū regnare cepisset 2. Reg. cap. 5.

Miserunt Iudæi ab Hierosolimis Sacerdotes & Leuitas ad  
 IOANNE M, vt interrogarent eum tu quis es? Hac in  
 Bethania facta sunt trans Iordanē, vbi erat IOANNES.  
 Ex Euang. lect. IO AN. 1.



Onfenti ( Clero, Nobresa, & Povo de Portugal) em festa  
 que he taõ duplex, ser o thema duplicado; mormente quãdo  
 ambos juntos fazem hū proprio sentido, seruindo de expo-  
 siçãõ & glossa hum ao outro. Contem o primeiro a historia  
 da apellidaçãõ, & acclamaçãõ, que fizeraõ os tres estados do  
 Reino de Israel na pessoa de Dauid, q̃ era seu Duque, quãdo  
 o leuantarãõ por seu Rei natural: referea o liuro segundo dos Reis no cap.  
 quinto. Propoẽnos o segundo thema outro successõ quasi semelhante, que  
 he o Euangelho da festa concurrẽte, tirado do primeiro capitulo da Chro-  
 nica Sagrada que escreueo S. Ioã Euangelista onde lemos hũa embai-  
 xada q̃ os mais nobres do pouo de Iudea mãdarãõ a IOAM, offerecendo-  
 lhe o ceptro, & a coroa & pedindolhe os quisesse accitar por seus vasalos.

Vejamos os mortiuos, que huã & outra Republica tiueraõ nestas suas  
 acclamaçoens: tres descubro na primeira & outros tantos na segunda, &  
 todos tres mui conformes. Foy o primeiro o seguinte. Senhor vos loise  
 nossa propria lingua, & sangue: falais a mesma linguaem nossa natural, en-  
 tendemonos com vosco muito bem; assim entendo eu: *ecce nos os tuum* que  
 postoq̃ os setenta explicaçõ pellos ossos as palauras: *eccenos ossa tua*, a Caldai-  
 ca fauorece a nossa explicaçãõ que le: *ecce nos propinqui tui*, que naõ so quer  
 dizer parentes, senãõ visinhos & amigos, & naturais, que falam a mesma  
 lingua, & que saõ da mesma patria, & naõ contentes com este fundamẽ-  
 to proseguindo em dar outro cõque canonizalsẽ mais a acclamaçãõ; acre-  
 centaraõ: de mais de que Senhor, quando ontem & anteontem reinaua  
 sobre nos Saul em suas demasias, vos ereis & vos fostes sempre o que nos  
 emparaueis governandonos, & com o vosso emparo cobrauamos alento

Lect. sept.  
 Lect. Cald.

## Sermão

em suas presenças. Sobretudo a nos constanos q̄ isto he vontade do Ceo, & que Deos quer que vos sejais nosso Rei, tendo sido nosso Duque. De trinta annos era este Duque quando começou a reinar,

Dizeime Clero, Nobresa, & Pouo de Portugal, se eu quizeria contar-vos em latim o successo da coroação do nosso gram Duque em Rei, que todos vos fizestes, guiados pello Ceo, pudera inuentar palauras, q̄ melhor declararaõ o successo? Bom final, que ate o thema da historia ache em figuras sagradas o seu retrato, & que o oraculo diuino tanto tempo dante maõ estiuense debuxando esta ventura tão grande de Portugal.

Leantai agora os olhos ao Euangelho de hoje, & segundo thema meu, vereis como he verdade Euãgêlica estar o nosso successo retratado na Escri-tura velha, & noua. Tres circumstancias aduertio a Glosa de Lirano nesta embaixada, que a nobresa de Ierusalem mandou a IOAM, a fim de o appellidar por seu Rei, muito notauis. Foy a primeira, serẽ autores desta obra os nobres, & os fidalgos: *illi de tribu Iuda qui erant nobiliores in populo*. Foy a segunda aduertencia mandarem se estes e embaixadores da cidade Real de Ierusalem, onde a nobresa, & a Religiaõ florccia, por ser a Metropoli, & cabeça do Reino de Iudea: *ab Hierosolimis, quæ erat ciuitas Sacerdotalis, & regia, & quia studium legis, & Prophetarum, & cultus diuinus rigebant ibi, similiter ipsa erat caput Regni* Ouue outra particularidade, & foy serem os embaixadores os mais autorizados do Reino: *sacerdotes, & Leuitas quæ erant solimnes persone*. Cõ-tinha so o fim desta embaixada, quererem saber somente, se era IOAM natural seu? *tu quis es*: que por isto lhe perguntaraõ se era Elias ou algum outro Propheta de Israel, resolutos em que se IOAM cõfessasse ser seu natural delles o appellidassẽ logo por seu Rei: assi entendo eu os motiuos que os Iudeos tiuerã em offerer o ceptro, & a coroa a IOAM, leuado da Glosa de Cartusiano sobre estas palauras, que affirma, que o fundamento que os Iudeos tomaraõ pera quererem levantar a IOAM por seu Rei, foy estarem vendo que os gouernaua hum Rei estrangeiro, & a quem naõ competia o Reino: *quia viderunt regnum ablatum, & alienigenæ traditum*. Foraõ estes embaixadores buscar a IOAM ao Alentejo de Iudea, que isto quer dizer o *trans Iordanem* do Euangelho, & a villa de Bethania. *hæc in Bethania facta sunt*: que significa casa da musica, ou casa da graça do Senhor como deriuou do hebreo Remon. *Domus cantici, sive Domus gratia Domini*.

O que tudo junto: he ver hum retrato ao vivo da festa, q̄ celebramos: sahio hũa embaixada danobreza, da Metropoli do nosso Reino, que he a cidade de Lisboa, & leuaraõ na embaixadores grauissimos & de muita calidade ao gram Duque & Snõr Dom IOAM, que estaua em Alentejo, & viuia em hũa casa de musica (porq̄ he este Principe mui dado a esta arte) & em hũa casa da graça do Snõr, sendo a sua corte, hũa Betania Euange-lica:

Lir. 5. Ioa.  
cep. 1.

Lir. 5.

Ioan. 1.

Dio. cart. 5  
Ioan. cap. 1

Ishimolog.  
fac. ver.  
Be: h.

lica: pediraõlhe muy encarecidamente estes Embaixadores, & ainda fizeram com elle, que aceitasse o titulo de Rei, que todos os tres estados deste Reino com publica aclamação lhe tinhaõ dado, leuados todos dos proprios motiuos que tiueraõ os filhos de Israel na aclamação do Duque Dauid; se bem nõs mais ajustados ainda com a vontade do Ceo, por quanto na Synagoga começou o governo dos Reis contra a vontade de Deos, q̃ so por Duques queria governar a seu pouo, & o nosso Portugal, que he o pouo de Deos na lei da graça aos Duques, que o governarãõ quis Deos concederlhe os titulos de Reis: dandolhe ate as armas que sãõ as sinco quinãas tão celebradas no mundo, com os trinta dinheiros, que ate dinheiros nos da, & nos promete pera defençaõ nossa quando sejaõ necessarios, & naõ offerrece so qualquer dinheiro pera nossa defensa senãõ ate o proprio preço seu porq̃ o comprarãõ, ou querendo dizer que por comprar Portugal & o deffender se venderia de nouo sendo necessario, ou ensinãdo à Igreja Esposa sua, que em hũa occasiaõ destas naõ repare em dar & offerrecer tudo a seu Rey quando virq̃ he importante: per maneira que se nocudando nos deu a segurança contra os golpes do inimigo, nos dinheiros offerrece a ajuda de custo e tudo, querendo que corra ate por sua conta a paga dos soldados nesta guerra, pois a causa he toda sua & vedes aqui a rezãõ porque me naõ espanto de ter so a gẽte do trato de Lisboa offerrecido a sua R. Magestade a larga copia de dinheiro que se escreue. E muitos Fidalgos particulares a cem mil cruzados cada hum: em fim sãõ dinheiros do escudo de Portugal dados por Deos naõ so na memoranda batalha dos campos de Ourique, mas parece que repetidos tambem agora em Lisboa pello mesmo Senhor Crucificado, no caso que aconteceu na procissãõ que fez o Arcebispo Metropolitano em rendimento de graças por esta restauraçãõ. Naõ parecendo menor fauor este de despregar o Senhor da crus agora o braço so direito, q̃ he o da espada, auendo estado firme na crus na batalha de Ourique: q̃ la se meteo animo fallando, q̃ sãõ as proprias armas com q̃ destroe infieis, como se vio na cohorte armada dos Iudeos q̃: *ibi dixit ego sum, abierunt retrorsum, & ceciderunt in terram.* Ca alentou coraçõs promettendo obras de hũ Deos tão liberal, & manirroto, & em primeiro lugar meter agora a mãõ entre Portugal, & Castella pera q̃ naõ aja guerra entre catholicos: ou largou taõ bem a mãõ por dar sua palaura de q̃ nos defenderia sendo necessario, estendendo o braço pera ficandolhe liure menear juntamente com nosco a espada quando nossos inimigos nos cometaõ, ou finalmete desempedio a mãõ de tudo, porq̃ o mesmo nome de IOAM q̃ tem o nosso Rey; esta puxando por ella em seu governo: *etenim manus*

Ioan. 19.

Luc. 2.

*Domine uerac cum illo.*

E se naõ falou agora na imagem do Crucifixo de Lisboa, como no Cã-

po de Ourique foy, porq̃ fallaua hum Pentifice tão sancto como he o nesso  
 Metropolitanano, em cuja pessoa nos estaua dizendo, o q̃ era bem q̃ fizesse-  
 mos. Sendo vltimamēte este nouo successo do santo Crucifixo de Lisboa,  
 de claração não so do de Ourique senão tambem do de Goa, q̃ la, como  
 Sol que he no Oriente abrio os olhos pera vernos, aludindo a profecia do  
 ermitão de Ourique: *ipse respiciet, & ridibit.* & ca abrio as mãos pera ajudar-  
 nos: la voltou o resto pera nos não dar as costas, ca inclinou a cabeça no  
 Occidente, ou pera levantar as nolsas, que tam baixas andauão cōo jugo de  
 Castella: ou pera ficar com nosco, eternamente: em f m saõ tantos os finais  
 q̃ precederão, & se achão de presente a esta nolsa restauraçã. que he mais  
 materia de liuros muito grandes: que de hum sucinto sermão. Pera tratar-  
 mos neste as circumstancias, que das palauras do primeiro thema se podē  
 deduzir, & que he ao que detrimino ir acostado por quanto o segundo  
 não he mais que huã gloza do primeiro, temos neccidade de graça pes-  
 samola ao Ceo com a *Aue Maria.*

*Venerunt vniuersae tribus Israel ad David  
 in Hebron &c.*

**H**E a cidade de Hebron por sua antiguidade famosa, pois he mais an-  
 tigua ainda, q̃ Thanais do Egypto sete annos, como consta do liuro  
 dos numeros: foy tambem chamada *Cariath Arbe*, & coube na diuisão  
 da terra prometida ao tribu de Iuda, que era a mais illustre, & foy conqui-  
 stada por Caleb, hum dos deus, q̃ somente entrarão na terra de promissão,  
 entre tantos milhares, q̃ sahirão do Egipto, marando este famoso capitão  
 na conquista della, tres valereses gigantes. Mas o q̃ eu descubro oje em  
 mais louuor seu, he q̃ foy fundada nas montanhas de Iudea, patria do pri-  
 meiro IOAM da lei da graça, pera ser figura ao viuo, da nossa Villauçosa  
 patria do nesso Rey, & Senhor dom IOAM o quarto.

Diguo, q̃ foy, & he figura de Villauçosa Hebron, não so pellos varios  
 nomes que teue, q̃ tambem Villauçosa se chamou: *Calipoli*, & por sua anti-  
 guidade, pois (como affirmã Rezende) inda oje se achão nella vestigios de  
 hu grande templo, q̃ os genties fundarão, dedicado a Proserpina, a quem  
 elles chamauão Deusa Trinia, porq̃ fingião q̃ era no Ceo Lua, na terra. &  
 bosques Diana, & no Inferno Proserpina, aludindo as tres cabeças desta  
 deidade profana, às tres daquelles gigantes, q̃ Caleb degolou, quando  
 fugeitou Hebron, como a casa de Bargança fez na sua Villauçosa, fundã-  
 do hum templo sagrado, dedicado ao maior gigante da milicia de Chri-  
 sto



sto S. Tiago onde o da Triuia Deusa tinha sido. *Troserpina ibi delulrum fuit, ubi diuinitatebi ades est in suburbio* cabendo por destribuição esta venturosa villa a esta real tribu de Iuda, que he a casa de Bargaça pera ficar em tudo sendo Hebrén seu retrato verdadeiro & n'uito mais ainda oje quando o verdadeiro Calebo Principe Dom IOAM entra na terraprometida a seus Auos contra as forças dos tres Phellippes taõ poderosos gigantes, mas deixando a deriuação da semelhança de historias profanas, que ha entre Hebron, & a nosa Villauioçosa, & aludindo as sagradas, pois mereceo ser patria do nosso Rey, todas as ethemologias, q̃ deriuadas da frase Hebraea se podem dar a Hebron, como Remon refere, se podem acomodar tambem com grande propriedade a Villauioçosa: *Hebron societas sue participatio, seu ad hæsis, aut incantatio, vel linorcinitas*: he Hebron cidade de sociedade, de participaço, de afinidade, de encantamento, & de chagas: propriedades todas, que se quisermos reparar nellas com vagar, achalaremos mui ptoprias da nosa Villauioçosa, corte dos nosos duques, & patria do nosso Rey: he Cidade de sociedade, pello bom galhado, que nos fileraõ sempre aquelles Principes a todos os auxados Portugueses, enchendonos de tantas ms., & honrras como he notorio a todos: *Hebron, & Villauizoza societas*: he cidade de participaço da Metropoli deste Reyno, que he Lisboa, por ser assento da casa, que tanto participa da real: *Hebron, & Villauizoza participatio*. He cidade de afinidade, porque differe mui pouco a corte dos nosos Duques de Bargaça, da corte dos nosos Reys de Portugal: *Hebron, & Villauizoza ad hæsis* foy finalmente tegora cidade de encantamento, porque sesenta annos ha, que nella ficaraõ es nosos Reys encantados, depois da perda, & tragedia de Affrica, te oje taõ chorada, & taõ carpida: *Hebron, & Villauizoza incantatio*. Foy cidade chagada, & ferida, pella dor desta perda, & muito mais pellas feridas, & dores deque nos via morrer, a nõs & a nosos pays, sem ter remedio, leuando nosos antepassados taõ viua dor destas chagas, que entendo, que inda no Ceo se nelle pudera auer algũa magoa, esta somente tiueraõ de não gosarem com nosco ca'na terra, o fim deste encantamento. *Hebron, & Villauizoza, incantatio, vel linor cinitas*.

Remon in  
et: in facta

A este Hebron onde Dauid estava ecantado, & encantoado, foraõ os tres estados do peuo de Deos, buscar, pera que viesse ser Rey de Israel: *reuerunt uniuersa tribus Israel ad David in Hebron*: quereis saber Portugueses meus, que quer dizer David? *David dilectus*: David amado, figura ao viuo do nosso felicissimo Rey, & Senhor Dom IOAM o quarto retirado no seu Hebrén de Villauioçosa, cujo successo de sua coroaço, esta mostrando aos estranhos o muito grande amor con que o veneramos sempre, que este amor, crime fora querer prouallo

em respeito nosso, mormente depois q̄ nossos corações mesmo, já nos teatros das linguas, offerecerão as cabeças por elle o ser nossa, com tanto animo, & gosto, q̄ entendendo q̄ ò que nos dete m a todos, a não entrar por Castella a darlhe publicos viuas, he não ouzar apartarmonos por ora deste bem tão dezejado ha tanto tempo, & sem q̄ elle o determine, & com rezaõ Por tuguezes da minha alma, & naturais, amamos tanto a este nosso Dauid da lei da graça pois o seu nome IOAM quer dizer: *Domini gratia Domini donũ Domini misericordia* graça de Deos, dom do Ceo, Misericordia diuina, epitetos todos tres, q̄ aos tres estados do Reyno, q̄ o ellegerão em seu Rey, estaõ prometendo premios triplicados. Assi como o grande Amor com q̄ o amamos lhe esta prometendo a elle huã segurança certa de sua perpetuidade: q̄ como Seneca aduirtio bem, o prezidio mais seguro, q̄ hum Rey pode ter, em sua Monarchia he o amor dos vasallos: *vnũ est Regi inexpugnabile munimentum, amor ciuium*. Que foy o q̄ tambem disse Liuius quando collocou a força do Imperio no gosto com, q̄ os subditos venerão a seu Senhor: *Imperium id longe firmissimum est, in quo obediens gaudent*.

Chegados a Hebron Villauçoza os nossos Portuguezes, mandados dos tres Estados deste Reyno, a pratica q̄ propuzeraõ ao nosso Dauid amado Elrey Dom IOAM o quarto, foy dizeremlhe estas pelauras: *ecce nos os tuum, & caro tua sumus*. Senhor vos sois, & fallais Portuguez como nos, entendemonos muito bem cõ vosco, & vos nos entendeis a nos muito melhor, sois a carne, & o sangue dos nossos Reys Portuguezes, q̄ pello amor com q̄ nos tratarão sempre, mais como Pays, q̄ como Senhores, podemos chamaruos a vos nossa carne, & nosso sangue, assi como nosso natural, & Portuguez: *ecce nos os tuum, & caro tua sumus*: quanto mais Senhor, q̄ em vos leuantar por Rey, fazemos o q̄ vos deuemos, porq̄ quando ontem & anteontem reinaua sobre nos Saul vos nos emparauis delle: *sed, & heri, & nudiũ tertius cum eset Saul Rex super nos tu eras educens, & reducens Israel*. Que quereis Portuguezes q̄ sinifique este nome Saul na frasi Hebræa? *Saul comodatus, aut fouca sine Sepulchrum, vel infernus*. Saul significa hum Rey emprestado, huã coua aberta, hum Sepulcro patente, & hum Inferno viuo: vedes aq̄ni os tres Reys emprestados, q̄ tiuestes de Castella: o primeiro foy coua aberta em q̄ muitos caistes, & cairão nossos Pays, & auos, que sem cuidarem, que caminhauão pera a Sepultura em apelar Castella, se virão sepultados em vida sem remedio: *incederunt in fauceam quam fuerunt* o segundo, Sepulcro foy de esquecimento pera nossos seruiços; boa proua seja o grande recibimento, q̄ lhe fizemos, quando entrou em Lisboa, que excedeo a quantos triunfos Roma celebrou, & elle como se o nosso Tejo fora o rio Letheo, passandoo foy o mesmo, q̄ esquecerse de tudo: mas o terceiro hum Inferno, pellos infernalis ministros com q̄ nos governaua, de quem so nos podia liurar Deos como

Etihm.  
fac.

Senec. de  
Clem.

Liuius li. 2  
de 1.

Etihm. fac.

Psalm.

mo em effeito liurou, conhecendo todos nõs esta verdade, como as palauras do nosso thema testificão; q̄ foraõ as do terceiro motiuo q̄ os Hebreos tiueraõ pera leuantar por Rey ao seu Dauid, & nos ao nosso amado, & Senhor dom IOAM o quarto: *dixit autem Dominus ad te tu pasces populum meũ Israel, & tu eris Dux super Israel.* Vos q̄ tegora fostes nosso Duque, quer Deos, & manda o Ceo, q̄ seiais nosso Rey natural, & q̄ nos gouerneis como pastor, & como pay, q̄ desta sorte nos gouernaraõ sempre vossos Auos nossos Reys, & Senhores, q̄ mais nos tiueraõ em foro de filhos, q̄ em foro de vassallos, por comprirem com a verdadeira obrigaçãõ de hum Rey iusto, q̄ he ser pastor, & pay dos q̄ gouena: *Rex debet se habere ad subditos sicut pastor ad oues* sentença de Aristoteles nas Ethicas, q̄ foy o q̄ tinha dito Argelil citado de Plutarcho quando lo deu por seguro o Rey, q̄ gouernaua como pay tratando como filhos os vassallos: *ille tutus est Rex qui sic subditis imperat, vt parentes filijs* & com muita rezaõ, porq̄ mal pode auer segurança da pessoa, q̄ se não conhece, & so o Rey q̄ trata a os vassallos como filhos os conhece todos, que não ha pay, q̄ ignore ao filho por mais peruerso que seja, & o Rey que assi conhece ao vassallo, cumpre com a primeira obrigaçãõ de seu officio, q̄ por primeira virtude real julgou Marcial este conhecimẽto no Principe: *Principis est virtus maxima nosse suos.* Vejamos ja agora com esta explicaçãõ geral das palauras do nosso thema como os tres motiuos desta nossa elleiçãõ do Ceo, & pouo, estãõ canonizando por legitimo, & verdadeiro a este nosso Rey, & Senhor Dom IOAM o quarto.

Aristotel.  
eth. 8. Ar.  
apud Plu-  
tar. apoph.

Mart. lib. 8.

### Primeira Parte.

**E**cce nos os tuum, & caro tua sumus: não ha maior ventura perahum Reyno, Portugueses meus, q̄ ser gouernado, & regido por seus Reys, & Senhores naturais, assi como não ha maior delgraça, & precipicio de huã Monarchia, q̄ ser o gouernador della estrangeiro dos vassallos, começemos pellas delgraças de q̄ saímos, pera cair melhor na ventura, que tiuemos, & na boa forte, q̄ temos.

Cem mil erros cometeraõ Herodes, & Pilatos na morte, & cauza de Christo, originados todos, de hum, & outro serem estrangeiros, & de fora do Reyno de Iudea, a Herodes chama Iosepho de antiquitatibus lib. 14. ant. cap. 2. *Rex siluester*, que he o mesmo, q̄ nacido nos bosques, & homẽ forasteiro; que he o que tinha vatisnado Oseas quando disse, que seria Christo leuado para ante elle: *de latas est munus Regi vltori* ou segundo a verfaõ dos seteta: *Regi Iarim*, q̄ he o mesmo q̄: *Regi Siluestri*: conforme a Gbza, & exposiçãõ de Saõ Cyrilo hierosolomitano, & de Saõ Cipriano in exposi-

Ioseph.

Ose. c. 10.

Sept.

S. Cipriano.  
l. Ruf.

Joseph. de-  
B. i. iudais

Bar. an.  
Christo 28  
29. jol. 101  
tom 1. An.  
Tiber. 12.  
& 13.

1041. 19.

ne simbolo ou Rosino, q̄ parece ser autor daquella obra: R: x siluester (diz elle) bene addidit nomen tarim, quod est siluester, non nim erat Herodes de domo Is-  
racl nec de illa vinea Israelitica, quam eduxerat Dominus de Egipto, & plantauerat in  
cornu in loco vberi, sed erat siluester idest ex silua alienigenarum, quasi qui de israelitica  
vitis nequaquam palmitibus pullulasset. Quer dizer, Herodes foy Rey Syluestre,  
e estrangeiro da casa de Israel, & do Povo do Senhor, que Deos liuouo do  
Egipto, nacido nas seluas dos Genticos, mais fero do q̄ as feras, por ser estrã  
geiro, & barbaro, ou tambem foy Rey siluestre porque siluestre, tornou  
o gouerno de Israel, sedo o pouo de Deos em seu imperio, huã mata bra  
ua, onde so viuiaõ feras, alimentadas com o sangue humano, que estes são  
ordinariamente os Ministros estrangeiros com hum Rey estrangeiro, a res  
peito da republica que por desgraça sua, chegou a ser gouernada por el  
les. Pilatos por ser estrangeiro, & Frances de nação, loguo que entrou  
em Ierusalẽ como affirma Iosepho debello iudaico lib. 2. cap. 3. na primei  
ra noite de sua entrada, & posse mandou collocar em varias partes da ci  
dade estatuas, & imagens de Cesar, com que ouue hum gran de tumulto  
nos Iudeos, por verem profanada sua lei, & os costmes de sua republica,  
custandolhe primeiro, que o dobrassem a mandar tirar as estatuas de Ce  
sar estarem de giolhos sinco dias, & sinco noites enteiras diante das janel  
las das cazas de Pilatos pedindolhe de continuo, que lhe guardasse os fo  
ros de sua patria: & montando taõ pouco com este barbaro por ser estrã  
geiro taõ grande sumiçaõ, que antes mandou vir soldados, & gente dar  
mas, q̄ fizelsem mostra de matellos, por ver se com o medo da morte, po  
dia entruduzir a veneraçãõ das estatuas de Cesar, o q̄ em effeito conlegui  
ra, se os pob: e: dos Iudeos com animo religioso, naõ offereceraõ as ca  
beças aos alfanjes dos soldados de Pilatos, antes que tal costume se entru  
duzisse em seu pouo, naõ ponho as palauras de Iosepho porq̄ são compridas  
em elle, & Baronio, q̄ as tras as podera ler quem coriosa mente quizer vel  
las, que anim bastame, mostrar que este he o gouerno de hum Rey, & de  
hum ministro estrangeiro, entrar quebrando foros, profanando ate as leis  
sagradas, & sem compaixãõ algũa dos vassallos como Pilatos, a quem naõ  
pode dobrar taõ lastimozo espetaculo, em sinco dias continuos, intentar  
tirar as vidas a os vassallos com notorias iniustças, como ja agora veremos  
indiuidualmente na causa, & morte de Christo, em q̄ estes dous tiranos  
Herodes, & Pilatos concorreraõ.

A primeira sem iustça, & erro que considero em ambos, he q̄ nunca  
nem hum, nem outro conheceraõ quem Christo Senhor nosso era, com  
ser tanto pera conhecer pois era o mesmo Deos. Vnde es tu? lhe perguntou,  
Pilatos, & Herodes: & desta ignorancia, que nelles presintiraõ os Iudeos  
se originou atreuerem se elles, com serem seus vassallos, & ministros, enfi

ñarenhe as leis, & o que auiaõ de fazer, & compitindolhe a ambos, o res-  
 soluer, as duuidas tocantes ao bom gouerno de sua republica. *Nos legem ha-*  
*bemus, & secundum legem nostram debet mori:* & destes dous principios, taõ per-  
 judiciais, se deduzio o tereciro muito pior ainda, & era naõ ser o Rey nẽ  
 o presidente, o que obraua nada: senaõ os seus ministros, & elles pro-  
 prios demitirem de si a resoluçaõ de tudo, querendo que a tomas-  
 sem os ministros, & fizessem, naõ o que o proprio Rey, & presi-  
 dente supremo entendiaõ, senaõ quanto os seus priuados quisessem.  
*Accipite eum vos, & secundum legem vestram iudicate eum:* pode auer maior  
 desgraça de hum vasallo, que naõ o conhecer o seu Rey? *Vnde es tu?*  
 pois isto, que aconteceu a Christo com Pillatos, & Herodes, estrangei-  
 ros, do Reyno de Iudea, que governauaõ, nos acontecia a todos os  
 que hiamos a Castella a nossos requerimentos, & aos mais grandes des-  
 te Reyno, *Vnde es tu?* Ficauaõ dizendo, & perguntando os ministros, &  
 os Reys de Castella, donde he este? Ou quem he? E daqui nacia atreue-  
 rense os priuados del Rey de Castella em nossas causas, dizerem ao Rey  
 q̄ tinhaõ ley por onde nos auiaõ de julgar, & como elle era estrangeiro do  
 nosso Reyno, & estaua alheo das nossas, os vallidos eraõ os q̄ nos julguaõ  
 & naõ o Rey: *nos legem habemus;* & como a lei sempre era deduzida do seu  
 odio, ordinariamente era em dano nosso, & nunca em nosso proueito: *se-*  
*cundum legem nostram debet mori:* sobre as quais palauras diz S. Agostinho ci-  
 tado da Catena aurea deste modo. *Ecce alia maior inuidia parua quãlem illa vi-*  
*debatur:* lanço foy de maior enueja, & de maior crueldade, quererem os  
 fariseos capear a seus erros, allegaõdo em sua desculpa as proprias leis por  
 q̄ se governauaõ: dizendo, q̄ a lei dittaua tirar a vida, & a honrra a Christo  
 Redemptor, & Senhor nosso: no q̄ chegou ao mor auge sua maldade pois  
 naõ podia ser mais q̄ desculparse o peccado com a propria lei, q̄ o prohibe  
 q̄ foy o q̄ Cartusiano achou neste dilicto pera chamarlhe admirauel, *mira-*  
*peruerstia: Iudeorum.*

D. Aug.  
apud cat.  
aur.

Dion. Car-  
tu, hic.

Esta maior desgraça, quem auerã, que a naõ tenha experimentado  
 nos priuados, & conselheiros de Castella, que la tenha pertendido?  
 Digannoos Condes, Marqueses, Duques, Bispos, & Arcebispos, des-  
 te Reyno, hiens a Madrid, & depois de vos naõ conheser nem o Rey, nẽ  
 o vallido, & vos andarem sempre perguntando pellas ruas, & pellos tribu-  
 nais, quẽ ereis? & donde ereis? *Vnde es tu?* Ia mais os despachos q̄ consegui-  
 stes foraõ dados, segundo as leis deste Reyno determinaõ, senaõ cõforme  
 as q̄ os Castelhanos fingiaõ ter pera vos naõ fazer bẽ. Por fim, & remate  
 desta desgraça nossa, chegua o pobre Rey a entregaruos nas maõs, & des-  
 possiaõ do seu priuado, & o q̄ elle q̄ria fazer de vos isto tinhẽs, & naõ o q̄ o  
 proprio Rey dezejaua muitas vezes: *accipite eũ vos, & secundũ legẽ vestrã iudicare*

um, & pôr mais que nestas palauras conforme a Gloza de Theofilato; o  
 Theofil. hic  
 Alcuin. hic  
 pobre Rey Pilatos, queria desculparse, & iustificarse, dizendo q̄naõ ti-  
 nha culpa no, q̄ os ministros obrauão, *accipite vos, & damnate ego nequaquam*  
*ralis iudex efficiar*, crendo conforme acrescenta Alcuino, q̄ os seus conselhei-  
 ros naõ irião nunca cõtra o q̄ as leis ordenauão: *secundum quod iustum esse scitis*  
*ita facite*: todauia nem por isto Pillatos ficou iustificado na caufa de Chri-  
 sto, q̄ nunca o Rey o esta quãdo se entrega tanto ao seu valido, q̄ tudo obre  
 por elle, & nunca nada por si: porq̄ o ministro tirano isto tem, q̄ alem de  
 tyrannisar o pretẽdente, imputa o mao despacho ao Rey, & nunca affi traça  
 de q̄ vsarão os mesmos Phariseos na morte de Christo, q̄ ao proprio Rey  
 Herodes, & presidente Pillatos, se com o estrangeiros enganarão dizendo  
 q̄ tinhaõ lei que dispunha matar a Christo: *nos legem habemus, & secundum le-*  
*gem nostram debet mori*: como à estrangeiros tambem quizerão persuadir, que  
 elles eraõ os culpados nesta morte: *nobis non licet interficere quemquam*.

Vedes aqui as desculpas dos ministros de Castella, nos maos despachos, q̄  
 dauão, & nos continos tributos, & nunca imaginadas imposições, q̄ cada  
 dia nos botauão: a Elrey de Castella como nosso estrangeiro, dizianlhe  
 que tinhaõ lei, & q̄ conforme a ella se em Castella se praticaua. o papel sel-  
 lado, se auia de praticar tambem em Portugal, & se em Castella se paga-  
 uão meas anatas das merces mais vendidas, & compradas, q̄ merecidas, a  
 propria lei ordenauão, q̄ ouuesse em Portugal comque socedia muitas  
 veses, que as merces, q̄ os nosos naturais Reys de Portugal tinhaõ feito a  
 nosos pays, & auos, se as queriamos renouar as. comprauamos de nouo,  
 & quem naõ tinha com q̄, ficaua a merce passada, mas nunca chegaua a ter  
 excusação como eu experimentei em caufa propria, & quando dauamos  
 queixas de tyrantias tão grandes, os ministros, q̄ as obrauão persuadião ao  
 Rey, q̄ era obseruancia de leis: *nos legem habemus*: & a nós deziaõnos, q̄ o Rey  
 era, o q̄ o mandaua, & q̄ o despunha: *nobis non licet interficere quemquam*, & q̄  
 elles obrauão so o q̄ elle lhe ordenaua. Né me digais, que os fariseus erã  
 ministros naturais de Christo, & q̄ sempre em Castella esteue cõselho de  
 Portugal administrado por ministros naturais nosos Portuguezes; & q̄  
 delles, & naõ de Castella nos podemos queixar: q̄ a isto vos direi, q̄ sendo  
 o Rey estrangeiro he força serem os ministros naturais peores q̄ farizeus:  
 bom espectáculo vistes naquelle ministro natural do nosso Reyno a quem  
 suas demasias apressarão, tantos annos dantes o dia do Iuiso sendo por  
 justo iuiso de Deos botado morto de hũa janella abaixo, por ter feito sal-  
 tar viuo doutra janella: nem menos, q̄ a hũ Nuncio Apostolico, com q̄ fi-  
 cou taõ desgraçado no fim como felix nos principios: q̄ mal se engana co-  
 fim quem tem principios de estremos.

E he verdade esta taõ infaliuel Portuguezes meus, & ha nella taõ pou-

co, q̄ duuidar, q̄ não digo eu sendo o Rey estrangeiro hum Pillatos, & os validos os phariseus, & o pretendente hum Christo, senão ainda em caso q̄deramos, q̄ o Rey sendo diuino, & do Ceo fora estrangeiro, & os ministros Anjos, & não homens, ainda neste caso quando de todo não foyes mal despachados, auens pello menos comprar o bom successo com larga dilafão de pretendentes, q̄ he a mais trabalhosa penção, q̄ pode darse a hũ homem, porq̄ sempre a esperança dilatada foy garrote ao desejo mais crecido.

Estaua Daniel pretendente do remedio de seu pouo, & da liberdade dos seus naturais, q̄ setenta annos auia, q̄ catiuos viuão em Babilonia, se ha viuer em catiueiro, no poder de Cyro Persiano, & em tal estado o tinhaõ as ancias do desejo de sua liberdade, q̄ pera o Anjo, q̄ lhe fallou lhe mostrar; q̄ as entendia, lhe chamou homem, q̄ rebentaua de dezejos. *Daniel vir desiderorum.* Ia com estas palauras podia este pretendente consolar se q̄ não he pequena esperança de bom despacho, entender hum vasallo requerente, q̄ o seu Rey, ou pello menos o seu priuado conhece quanto custaõ seus desejos *nolli timere Daniel* prosegue o Anjo fazendo figura de hum ministro superior: *ex die primo quo posuisti cor tuum ad intelligendum vt te asrigeres in conspectu Dei tui, exaudita sunt verba tua & ego veni propter sermones tuos:* não te afflijas Daniel, fia de mim, q̄ no primeiro dia, em q̄ meteste memorial ao verdadeiro Rey de todos os Reys, & ao verdadeiro Senhor de todos os Senhores, q̄ logo foy conhecida tua iustica, & a arrefoada petição, q̄ me tiuas acerca da liberdade do teu pouo, mas se ouue dilafão neste despacho, sabe, q̄ procedeo de q̄ o Anjo dos persas resistio a minha agencia por muitos dias, & fez parar a consulta muito tempo: & ainda se diuiera mais se o Anjo S. Miguel, q̄ he dos mais validos de Deos, não se pusera a ajudarnos nesta causa: *Princeps autem Regni persarum resistit mihi viginti, & vno diebus, & ecce Michael vnus de principibus primus venit in adiutorium meum.*

Valente ponderafão faço neste lugar: aqui se vem dous ministros presidentes de diuersos Reynos figurados nestes dous Anjos sogeitos a hum Rey diuino: elles com entendimentos, & naturezas de Anjos, encontrados porẽ inconueniencias de despachos: & em rezoẽs de estados. O Anjo ministro supremo de Iudca, pertende q̄ o pouo de Deos saya do catiueiro de Babilonia, porq̄ com a ma companhia dos idolatras não perigue na fee: pello contrario o Anjo ministro dos Persas porq̄ espera, q̄ com o bom exemplo dos Hebreos os seus Persas se redufão; cncontra, q̄ os Hebreos se eximãõ do catiueiro, q̄ este he o fundamento, q̄ S. Gregorio Magno meu P. descobrio a esta apertada reliẽstia sua: *bonus Angelus diz elle qui praerat regno Persarũ qui videbat ex misione filiorũ Israel in Perside multos de persis, & Medis cõuersi ad cultum, & silem vnus Dei ideo interpellabat: Deum vt remaneret in Perside: & cõ*

D. Greg.  
lib. mor. 13

hum, & outro Anjo terem os entendimentos taõ ligeiros, & instantaneos, que toda a sua via dos Anjos em que consistio nem menos, que a saluação dos bons, & a perdição dos maos, durou hum so instante, & hũa breue morula, & na mais larga sentença duas morulas, ao mais: contudo vemos que neste allegar de rezoës de parte a parte, se gastaraõ muitos dias. *principi autem Persarum restitit mihi viginti, & vno diebus:* estaino segredo: detiueraõse tanto tempo, pera se conhecer hum defengano, & he, que he força auer dilacoões infinitas nos despachos, quando a causa se trata por ministros de diferentes Reynos, & prouincias, ainda que em si sejaõ Anjos, pois cada qual trata so do que mais lhe toca ao bem do seu Reyno, & com ser certo, que Deos muito bem sabia por seus diuinos decretos, o que mais conuinha no catiuẽiro ou liberdade dos Hebreos, como fazia figura de hum Rey estranho, deixaua a causa a seus ministros, nem se deu por deseruido de que o Anjo presidente de Babilonia, encontrasse ao Anjo presidente de Iudca tanto tempo, te que com effeito se conuiuio o pleito com o parecer do Anjo Saõ Miguel, que acostando à parte dos Hebreos como naturais de sua prouincia tiueraõ entaõ por elle a liberdade: que a ser Saõ Miguel Anjo proprio da guarda dos Iudeos, & Anjo seu natural, attribue Saõ Dionisio Cartusiano accostar com Gabriel na causa delles, que tambem era Anjo Custodio da prouincia de Iudca: *suit enim Michael dis Cartusiano Principi totius synagoga, & omnium Iudeorum vbiq; que manemium ideo omnium comodum procurauit, & ea que pro liberatione, ac reddito eorum facere poterant simul cum Gabriele coram Deo allegauit.* O que tambem tudo junto quanto imos discursando aduertio doutamente a Gloza ordinaria nestas palauras: *considerandum quod Angeli qui presunt diversis prouincijs dicuntur Principes illarum, & hoc rationabiliter quia sunt solliciti de bonis illarum, & ideo non inanis ordo ipsorum ordo principatus.* Defenganaiuos, que onde interuierein ministros estrangeiros, & Rey estrangeiro, ainda que os ministros sejaõ Anjos, & o Rey diuino, quando a pertençaõ ão sair de todo frustrada, pello menos hauos de custar, eternidades de dilacoens, replicas & mais replicas, resistencias sobre resistencias: & o pior de tudo he, que quando o despacho chegue mal & tarde, vos haõ de vender ainda a breuidade delle, que he a vltima obseruação, que eu faço neste lugar sobre aquellas palauras *Principi autem Persarum restitit mihi viginti, & vno diebus:* pois estando o pouo Hebreo catiuo setenta annos em poder dos Babilonios, contauaõ os ministros Angelicos este taõ comprido tempo por espaço de dias, *viginti, & vno diebus:* se ja ão foy dizer, que esteue a causa empata-da setenta annos, & que so no cabo delles se vio em vinte, & hum dias, & se tratou eptaõ della, & isto ainda por intercessaõ. & valia de hum ministro

Dion. Cart  
sup. Dani.  
cap. 18.

Glosa ad  
sũc. lo. a  
Dan.

210. 0  
21. 11. 11



firo mais supremo q̄ puxou pella cõsulta, & pellos memoriais, como era S. Miguel, & q̄ estaua empenhado nella tambem por ser a quem competiaõ os intereces do pouo de Israel, graõ defengano certo, do q̄ se pode esperar do gouerno de ministros estrangeiros, & de hum Rey, q̄ não he natural.

Pois se estas dilaçoens se padecem sendo o Rey diuino, & os ministros Antios, vede q̄ sera quando o Rey for homem, & os ministros homens. Ali q̄ grandes desgraças padece hũ Reyno governado desta sorte, larga experiencia tiuestes ha sessenta annos, & graças ao Ceo, q̄ não foraõ setenta como os do pouo de Deos em Babilonia, onde a confusão das linguas era o principal tromento, porq̄ ainda as mesmas merces q̄ vos faziaõ não entendiens o que eraõ: dizeime, q̄ quer dizer *sumiliter de Corps, surriens; & Acrõis*: & outros cargos assi semelhâtes, não parece isto confusão de Babel, não chegardes a entender o proprio beneficio, q̄ vos fazem. Ah q̄ poucas laudades nos haõ de ficar de Castella, & quaõ viuos dezejos saõ, os cõ q̄ recebemos por nosso Rey natural quem falla a nossa lingua, & he Portugues como nos: *ecce nos ostiũ, & caro uasumus*: mas sayamos das desgraças de q̄ escapamos, q̄ inda refferidas ferem.

Quereis ver as felicidades, q̄ hum Rey possue tendo o seu Rey natural: leuantemos os olhos ao trono do verdadeiro Rey Christo Iesus aruorado no monte Caluario, q̄ foy a Metropoli do seu Reyno, & a Crus a cadeira Real em q̄ tomou d'elle posse, olhai o Misterio do rotolo, q̄ contẽ este apellido, escreueo Pilatos nas principais tres linguas do mũdo, a saber na Hebraica, na Grega, & na Latina: & q̄ escreueo? Escreueo, q̄ era Christo hũ verdadeiro Rey supremo. *Scriptis autem, & titulum Pilatus, & posuit super Crucem erat autem scriptum Hebraice, & Graece, & Latine a q̄ firm ou q̄ misterio tera* (Portuguezes meus) morrer onosso Deos com o titulo de Rey escrito em tâtas linguas? Ousamos a glossa ordinaria: *erat autem scriptum Hebraice, & Graece, & Latine, ut omnes qui de diuersis partibus or'is ad festum Paschale uenerant possent illum legere, & ideo titulus fuit scriptus in tribus linguis principalibus*: quer dizer mandou Pillatos por em tres linguas o titulo de q̄ Christo era verdadeiro Rey supremo, pera q̄ não ouesse pelloa de nenhũa parte do Mũdo, q̄ não lesse esta verdade, & ficasse conhecendo a Christo por seu verdadeiro Rey: que posto, que em Pilatos não ouesse esta tenção, pello menos esta o foy sem duuida nenhũa a do Spirito Sancto, que o guiaua a por o rotollo nestas linguas: por que em estas tres como bem aduertio Nicolao de Lira estaõ todas as do Mundo incluidas, & os tres estados d'elle, por serem estas tres as principais, & senhoras vniuersais: a Hebraica pella Religiaõ: a Grega pella Sabedoria: & a Romana pello Imperio: *ha tres lingua ceteris eminchant Hebraea prope r Iudcos in legi glorianes, Graeca propter gentium sapientes, Latina propter Romanos tunc pene omnilus gentius imperantes.* A rezaõ.

Ioan. c. 19.

Gloss. ibid.

Liran. Bica.

pedia, conueniente foy, q̄ sendo o Senhor Rey do mundo todo q̄ naquellas tres naçoẽs estaua incluído, todos nos os homens o achassemõs nosso natural, pondo nelle os olhos, & o vissemõs, q̄ vzaua, & fallaua a nossa proprialinguagem, & apunha na cabeça: & não somente isto vissem, & entendessem todos os homẽns de qualquer naçoã, q̄ fossem, senão todos os estados de pessoas de qualquer parte do mundo, porque se aquellas tres linguas figurauão a todas, tambem simbulsauão a todos os tres estados, a Hebræa pella obseruação da lei o Clero, a Romana pello imperio, a nobreza: & a Grega pella deminuição do poder, o pouo, assi que não fo todas as naçoẽs, estauão vèdo nos rotollos da Crus, q̄ era seu Rey natural Christo Senhor nosso, senão todos os estados, porq̄ a todos entendia, & todos o entendiaõ.

Daqui faço hũa aduertencia singular contra a perfidia dos fariseos & foy que leuaraõ taõ mal esta verdade, q̄ alem de pretenderem com Pilatos, q̄ mandasse riscar o titulo de Rey vniuersal, depois de Pillatos por instincto diuino persistir em não querer, q̄ o titulo se emmendasse, como obseruou Barradas dizendo: *non ne occul: a vox quadam Pilato incus quodam si dici potest clamato silentio personabat: quod tanto ante in psalmorum literis profetatum est, ne corrumpas tituli inscriptionem?* Desenganados ja, q̄ não podiaõ alcançar de Pilatos o que pretendiaõ pera mostrarem com quaõ pouca rezaõ este rotolo estaua posto fallando Christo na Crus em lingua hebræa peraque elles o entendessem quando disse: *He'i Heli lam asabaçtam*, que quer dizer no Hebreo Deus meu Deus meu porq̄ me desemparais foraõ taõ peruefos estes inimiguos, q̄ para persuadirem q̄ Christo não era seu Rey fingiraõ, q̄ elle fallaua em outra lingua; & que o não entendiaõ: *Heliam vocat iste*: olhai a refinada malicia farisaica quando Christo chama por Deos dizem, que esta chamando por Helias, & he sua tentaõ quererem persuadir aos circunstantes, q̄ mil pode ser seu Rey quem não falla a sua lingua: sendo este o maior testemunho, que leuantarã a Christo, pois como Rey supremo & vniuersal em todas as linguas, tinha este appellido pera não auer naçoã q̄ o não julgasse por Rey natural seu.

E quando fora verdade, fieis, que os Iudeos não entendessem a Christo quando disse *Heli Heli*: podia auer mor desgraça pera hum vasalo, que não entender a seu Rey quando lhe falasse? ou mor desgosto de hum Rey, q̄ estando chamando a Deos persuadirse o vasallo, q̄ não chamaua senão pello vallido: & o q̄ era muito pior que em todas as suas aççoens, não recorria a Deos senão ao priuado, & ao priuado, q̄ tinha so de Helias, o fogo pera abraçar o Reino todo, & que ate o Ceo fechaua pera não fazer bem a terra, & não o zello de Helias pera acudir as necessidades do pouo & à viuua, & à pobre: vedes aqui porque engeitamos ao Rey de Castella

Barrad. ad  
eundẽ loc  
Ioan.

Marc. c. 15

o parecermos, q̄ inda quando chamaua por Deos: *Heli Heli*: chamaua pello seu vallido *Heli* *uocat*: q̄ fora se o viramos chamar pello priuado *Heli* *uocat*: nas causas, q̄ são de Deos: *Heli Heli* ou o que he inda pior, chamandõ sempre a Elias *Heli* *uocat* querer que nõs entendessemos, que s̄õ chamaua por Deos *Heli Heli* digouos. q̄ desculpa tiueraõ os Iudeos em naõ conhercer por seu Rey a Christo, se o viraõ vzar de lingua diferente, ou fosse nella estrangeiro: assi como nõs naõ tiueramos nenhũa em naõ apellidar ao nosso Rey, & Senhor Dom IOAM o quarto vendoo fallar Portugues & ser nosso natural: *ecce nos os tuum, & caro tua sumus*, quando tinhamos hũ Rey com quem nos naõ entendiamos.

## Segunda Parte.

Vejamos o segundo motiuo desta acclamação nossa taõ deuvida como acertada *sed & heri, & nudius tertius cum esset Saul Rex super nos tu eras educens, & reducens Israel*: quando ontem reinaua sobre nos, & anteontem Elrei de Castella, este Senhor nos ensinua como nos auiamos de auer, & nos guiaua em todas as açcoẽs: Sanctes Pagnino verte do hebreo: o *educens, & reducens* dizendo *educabas, & introducibas Israel*: que vem a ser: quando Elrei de Castella nos desfauecia como estrangeiro, este Senhor como nosso Rey natural nos metia com elle, apadrinhando nossas pertençaõs, & tomandoas a sua conta. Dizeime, Portuguezes, a quem naõ he notorio, q̄ de continuo estaua este Senhor entercedendo, & escreuendo por nos, & por nossas pertençaõs, naõ diguo eu ao Rey de Castella, q̄ era Principe como elle, senaõ ao minimo ministro de qualquer tribunal, naõ reparando em resoens de estado a nosso respeito: tendo por verdadeiro estado seu o procurar nossas causas, & nossos intereces: pois com isto assi ser digouos, q̄ naõ ha resaõ de agradecermos estas diuidas. em que todos estamos ao nosso bom Rey, & natural Senhor Dom IOAM o quarto, senaõ ao affecto, & amor, com q̄ entercedia por nossos memoriais mortos no gouerno de Castella, sendo o proprio memorial nosso viuo, quando mais mortos nos via nas memorias del Rey de Castella, & dos seus ministros: obrigandosse a ser memoria nossa muito viua, por estar lembrado sempre, q̄ em seu nome trazia a obrigaçaõ de ser memorial nosso eternamente.

Quando Deos mandou ao Duque Moyses, q̄ fosse com a embaixada a Pharaõ sobre demittir os filhos de Israel, & lhe dar liberdade, o sinal, q̄ lhe deu pera q̄ o cresssem, foy dizerlhe, q̄ disesse, que quem era, quem eras, o mandaua, & o Deos de seus Pays, & Auos: *qui est misit me ad vos: Dominus Deus patrum vestrorum*: & acrescenta o Senhor, q̄ o nome de ser quem era, era hum

Sanct. pag.  
apud vata-  
bl. hic

Exodi. 3.

h a n apellido eterno, mais q̃ o sobre nome de ser Deos de seus Auos; era  
 hum memorial viuo pera todas as idades: *hoc nomen mihi est in eternum, & me-  
 moriale meum in generatione, & generationem.* Reparai na diuizãõ do modo de  
 fallar; que tem segredo, & he singular aduertencia: eu sou quem sou; por  
 essencia, diz Deos, & eu mesmo sou Deos dos homens, quasi como quem  
 dizia, meu ser me basta por nome, e in quanto me considero ser quem sou;  
 mas quando sou Deos dos homens, este nome, & apellido me mete em  
 nouas obrigaçoens, & saõ ser hum memorial eterno de suas pertençaens  
 naõ me sendo necessarias mais causas pera despachalhas, que lembrarme  
 q̃ sou o Senhor delles, *hoc nomen meum in aeternum, & memoriale meum in genera-  
 tionis, & generationem:* Sanctes Pagnino verte do hebreo in da mais claro: *hic  
 non nomen meum in saeculum, & haec mentio mei in generatione & generationem,* q̃ he o  
 mesmo q̃ dizer em duas palauras, so me esquecerei de vos, quando me es-  
 quecer de mim: nem mais nem menos, quando o nosso bom Rey q̃ leuan-  
 tamos nos emparaua nossos memoriais diante de Elrei de Castilla, naõ tem-  
 mos tanto que lhe agradecer esta obra, quanto conhecermos a causa por  
 q̃ elle a fazia, pois naõ era outra mais q̃ conhecendosse por natural Senhor  
 nosso, & q̃ naceo pera nosso Rey, & emparo, & q̃ assi o foraõ ja seus Auos;  
 & Vizauos, este consideraçaõ o obriguua de continuo a ser hum memorial  
 viuo de nossas pertençaens mortas: vede quem terfaua por nos, & se preza  
 ua de ser memorial no so como sendo agora nosso Rey se poderã esque-  
 cer dos nossos memoriais, q̃ taõ viuos tras em sua propria memoria, & le-  
 brança? naõ foy logo em nos tanto agradecimento, o coroarmolo por  
 Rey nosso natural, quanto respeito singular de dirigidos, & encaminha-  
 dos ao bem comu n deste Reyno, & ao proprio interesse nosso, pois el-  
 legemos por Rey pera despachar nossos memoriais, quem no proprio no-  
 me seu, tras obrigaçaõ precisa de ser memorial nosso: *& hoc nomen meum  
 in aeternum, & memoriale meum in generatione, & generationem,* dizendolhe na  
 memoria sempre o seu proprio apellido, que so se pode esquecer dos Por-  
 tuguezes quando se esquecer desi q̃ he seu natural senhor, por Pays, &  
 Auos Quanto mais q̃ eu acho q̃ este nosso Rey natural por nome, & por  
 sobrenome, nos esta obrigado a se esquecer primeiro desi mesmo, do  
 q̃ se esqueça de nos: *hoc nomen meum in saeculum, & haec mentio mei in generatio-  
 nis, & generationem.* Pera que aduirto, q̃ dous nomes tem os Reys sempre, o  
 particular da pessoa, como Affonso, Sancho, Manoel, & o comum de  
 seu offi:io como Rey, ou Emperador: o primeiro he nome so, o segun-  
 do he memorial, que quem lhe esta chamando Rey, lembranças lhe faz  
 apertadissi nas das obrigaçoens cuidadas, que tem de acudir aos seus  
 vassallos: porem este nosso Rey, naõ so por este titulo de Rey, nem por  
 ser netto, & descendente dos Reys de nossos pays, & auos, senaõ pello pro-  
 prio

sanct pag.  
 hic

prio nome de IOAM, q̄ quer dizer : *Domini gratia domini donum domini misericordiae*, está em memoriais multiplicados, & ainda triplicados obrigado a fazernos ms. & obrigando ao Ceo, a q̄ nollas faça, pois as ms. q̄ promette seu nome não lo são as do seu Reyno, senão também as do Ceo, & huás & outras não somente duplicadas, mas triplicadas, porq̄ a todos os tres estados promete à gente deste seu Reyno: ditoso Portugal, q̄ chegou a comprar a peso de dezejós, & esperanças este bem tão grande cuja felicidade tinha vatifinado Isaias quando em nome nosso disse fallando com este Rey. *Domine sustinimus te nomen tuum, & memoriale tuum in desideris anima.* *Isaic cap.* que nome & memorial temos no nome do nosso Rey.

Outro motiuo dà Abulencé comentando estas palauras, & explicando o officio, q̄ Dauid fazia em quanto durou o Imperio de Saul, que por ser muito proprio a nosso intento porei aqui: sabeis a causa diz o douto Tostado, porque os Hebreos leuantaraõ por seu Rey a Dauid, & lhe foraõ offerecer a coroa, & o ceptro estando retirado no seu Hebron, foy porq̄ em rezaõ de agradefidos lho deuiaõ, *hic ponitur secunda ratio scilicet beneficii collatio, id est quod propter beneficia praerita Israelita volebant Dauid in Regem, nam non erat rationi dissonum quod ille qui rexerat eos prius, nunc quoque regeret.* *Abulenc. ad loc. Reg. citatum.* O agradecimento foy o que appellidou a Dauid por Rey de Israel, q̄ em rezaõ estava posto, q̄ ja; q̄ os Hebreos deuiaõ a Dauid o gouernalos elle no Imperio de Saul, o leuantassem por Rey com tanto amor: de pasagem infiro que a nobresa de Israel deuia ser a que tomasse primeiro a vos do viu Dauid, quando o appellidassem Rey, porq̄ tem muito de nobre esta virtude do agradecimento, ou he a maior nobresa, q̄ ha no Mundo. Confeço claramente, q̄ he doença, de q̄ viu o ser agradecido, & q̄ he achaque com q̄ determino morrer, & com propriedade lhe chamo enfermidade ao agradecimento: porq̄ tegora por doente & achacado, era tido; o q̄ mostraua lembrar-se de suas obrigaçoens; tendo outro mal pior esta doença, q̄ era não ser pegadissa, porq̄ auia muito poucos a quem se ella pegasse. Graças ao Ceo, q̄ vejo doentes oje os Portuguezes todos do agradecimento, & q̄ este achaque foy o q̄ os curou da peste de Castella.

Porem vejamosja em q̄ materias gouernaua Dauid aos Israelitas no tempo de Saul, & quais foraõ as obrigaçoens, q̄ elles lhe tinhaõ pera leuados de seu agradecimento o appellidarem por Rey, & natural senhor do Reyno todo: o mesmo Bispo de Auila diz, q̄ foy Dauid gouernador geral das armas de Israel em o gouerno de Saul, q̄ leuado do grande p̄dro, q̄ tinha a este Duque lhe dera aquelle cargo, pera pollo nos lugares mais arriscados, & onde trouxesse a vida metida em maiores perigos: não era pois licito diz Abulencé, q̄ à vista destas obrigaçoens, q̄ o pouo tinha ao Duque Dauid, & deste amor da patria, q̄ elle tinha mostrado exercitã-

do este officio em defença do Reyno, com tanto perigo, & risco de sua vida, deixasse de ser de todos leuantado por seu Rey, & natural senhor: *Dauid regebat totum Israel uiuente Saule educendo illos ad bellum, & reducendo, ideo nunc quoque conuenienter efficeretur Rex eorum.*

Dizeime meus naturais, quem de nos não sabe, q̃ o anno passado seruiu o nosso Dauid da lei da graça Elrey nosso senhor Dom I O A M o quarto de governador geral das armas Lusitanas reinando ainda entre nos Elrey de Castella que não sei selhe deu este cargo (ou o seu priuado, q̃ era, o q̃ tudo obraua, & não o Rey) com o proprio motiuo de Saul, de lhe arriscar a vida, & o estado, pello menos ninguem pode duuidar, que lhe arriscou a grande authoridade de Duque de Bargaça, q̃ sempre nesta Coroa foraõ respeitados dos seus Reys naturais de outra maneira. Vede quaõ canonizada acção fizestes de vosso agradecimento, Portuguezes esforçados, em pagardes este amor, aquem com tanto vos ueo gouernar em vossas armas, com o tomardes por Rey de todo o vosso Reyno. Sem escrupulo nenhum podeis asentar com vosco, q̃ fizestes hũa acção, q̃ achais nas diuinas letras retratada. Oh que afertados, q̃ foraõ os motiuos, q̃ tiue- mos, pera leuantar por Rey este senhor, pois alem de ser nosso natural, & Portuguez, & como tal fallar a nossa lingua, & nos entendermos com elle muito bem, & elle a nos muito melhor, q̃ foy o primeiro mottiuo, q̃ tiue- mos: *ecce nos os tuum, & caro tua sumus*: larga experiencia tiuemos em scẽta annos, nos apertos, & auexaçoes inofriuens de Castella, q̃ so elle nos fauor cia, & ajudaua, enchendonos de merces, & honrras, deixando por fim de tudo a grandesa de seu estado de gram Duque de Bargaça, por nos vir gouernar, & deffender no tocante a nossas armas com tanto perigo de sua vida, de sua fazenda, & de sua authoridade, q̃ este foy o segũdo motiuo de nosso agradecimento pera o leuantar por Rey: *sed, & heri, & nudius tertius cum eset Saul Rex super nos, tu eras educens, & reducens israel.* Vistos temos os nossos dous motiuos, q̃ nesta acertada, elleição, & acclamação do nosso Rey natural tiuemos: vejamos os de Deos, que saõ de mor importancia, & q̃ as vltimas palauras do nosso thema affirmaõ, q̃ enterce- deraõ tambem nesta elleição.

### Terceira Parte.

**D***ixit autem Dominus ad te: tu pasces populum meum Israel: & tu eris Dux super israel.* A primeira defficultade, q̃ Abulenſe moue sobre estas pala- uras, he perguntar por quem disse Deos, q̃ Dauid auia de reinar, sendo, que não consta, que estas palauras disse ſe nem Samuel nem algũ outro

outro propheta: o mesmo Toftado da varias repostas a esta duuida, & afirmandosse na melhor, diz q̄ Samuel fora sem falta o que primeiro vaffinara desta elleiçãõ de Dauid em Rey de Israel. sem nomear a pefsoa, & que depois cõrrera por todo o pouo Hebreo esta certeza, taõ grande que todos a julgauãõ por coufa indubitauel, & de pays em filhos se fora praticando sempre esta prophecia, posto q̄ no modo della variassem, per maneira q̄ vinha a ser prophecia esta cazeira, que andaua por todo o pouo, & que todos traziaõ nas conuerçaçoens, & praticas ordinarias: *Samuel prophetauit de Regno Dauid: postea autem Israelitæ hoc cognoscentes varie loquebantur de sermone Domini dicto per Samuelem: omnes quippe acceperunt sententiam scilicet quod Dauid deberet regnare super Israel: tamen variauerunt in verbis: esta ventura, q̄ os Hebreos tiueraõ de terem a Dauid por Rey, primeiro a prophetizou Samuel, mas depois todos os Israelitas altos, & baixos, certificados nesta verdade estauãõ certos na promeça do Ceo: variauaõ com tudo nas palauras, ou acerca do tempo, em q̄ auiaõ de ver comprida a prophecia, ou em respeito da pefsoa, tendo porem por coufa indubitauel, que esta elleiçãõ de Dauid mais era elleiçãõ do Ceo, do q̄ da terra, como a elle proprio diseraõ os tres estados do Reyno quando o obriguãõ a vir nella: *Dixit autem Dominus ad te tu pascis populum meum Israel, & tu eris Rex super Israel.**

Abulens.  
qua st. 2.

Dizeime animosos Lusitanos qual de nos duuidou nunca de q̄ aviamos de vir a ter Rey natural, que restaurasse este Reyno proprio Imperio de Deos, depois daquella celebre promessa, q̄ Iesus crucificado nõsso Deos fez na noite antes da memoranda batalha de Ourique àquellẽ raio da guerra, q̄ ali jas, sempre testemunha viua desta promessa, & verdade nunca morta, o nõsso primeiro Affonço, & primeiro Rey deste Reyno: *volo in te* (Ihe disse o Senhor fallando de rosto a rosto com elle) *& in semine tuo imperium mihi stabiliere*: quero em ti, & em teus descendentes fundar hum Imperio (naõ Reyno so naõ) proprio pera mim. & se este Reyno & imperio do Senhor auia de ter esta larga interpollaçãõ de sesẽta annos em q̄ o gouernou Castella, tambem a restituicãõ delle, ficou prophetizada logo deste tempo, pello irmitaõ sancto, nõsso Samuel Euangelico, q̄ naquella mesma noite fallou ao nõsso Rey: *vinces, vices, & non vinceris: posuit enim super te. & super semen tuum post te oculos misericordie tue vsque in sexta decimam generationem in qua continuabitur proles sed in ipsa continuata ipse respiciet & ridebit*: quem dipois destas, palauras (q̄ nõ proprio original se guardaõ no cartorio do real mosteiro de Alcobaca, cabeça da minha religiaõ Cisterciense nestes reynos) firmadas com a propria maõ Real daquelle Rey, q̄ ali vedes: duuidou nunca, q̄ auiamos de ter Rey Portuguez, q̄ nos liurasse do jugo de Castella pinguem certo: he bem verdade, q̄ pera em tudo

Ex est. Re  
Alf. apud  
Britum in  
Chron. Cisf.

ser prophesia, & figura David do nosso felicissimo Rey, assi como os Hebreos variauaõ nas palauras, assi nos eramos varios nos discursos, acerca da pessoa, & mais do tempo, sendo porem sempre entre nos taõ cazera esta prophesia de nossa restauraçã que não auia quem a não tiuesse pella primeira verdade.

E fazianos duuidar acerca da pessoa, & do tempo ver que o serenissimo Rey da lastimada memoria Dom Sebastiaõ primeiro deste nome, foy o desimosexto Rey na sucessãõ desta coroa, & como por morte sua, & do Cardeal Dom Henrrique se entroduzio por força Phelippe 2. de Castella, & a este o tereceiro, & quarto, cuidauãõ muitos, que a atinuaçãõ prophetizada, estauã ja comprida na pessoa real Delrey Dom Sebastiaõ, & que o *respiciet, & ridebit* tardauã muito ja: eu sempre entendi estas palauras de outro modo, porq̃ não contei nunca o serenissimo Rey Dom Sebastiaõ por desimafexta geraçãõ del Rey Dom Affonso Henriques, q̃ ali vedes, senãõ por desimatertia por quanto inda q̃ foy o desimosexto Rey por suceçãõ, não foy a desimafexta geraçãõ, deq̃ a prophesia fallau: porq̃ tres Reys tiuemos, q̃ o não foraõ senãõ por sucessãõ, como foy D. Affonso o segundo Dom IOAM o primeiro, & Elrey Dom Manoel.

Contando pois Elrey Dom Sebastiaõ no lugar desimotertio, & contando com os tres Phelippes, q̃ se introduziraõ nesta coroa por força & violencia fazia na pessoa de Phelippe quarto de Castella chamado 3. de Portugil a desimafexta geraçãõ do nosso primeiro Rey Dom Affonso Henriques por quãto estes tres Phelippes não ha duuida, que Reys foraõ por geraçãõ na coroa de Castella socedendo dereitamente de pay a filho & auo em o titulo de Reys de Castella de queeraõ verdadeiros Reys, & deste reyno no nome. Sãdo este Phelippe 4. a desimafexta geraçãõ del Rey Dom Affonso Henriques como he em effeito, bem se ve que desta falla a prophesia no rigor de todas as palauras *in desimafexta generatione atinuabitur proles tua*, na desimafexta geraçãõ vossa, se atinuarã vosso sangue; o q̃ se ve claramente, pois este Phelippe quarto, sendo netto de Phelippe segundo que era meyo Potuguez, não hea tendo mais que patte do sangue portuguez, que he a maior atinuaçãõ que pode ser, & taõ grande, que ja o Principe de Castella, não tem nada da geraçãõ daquelle primeiro Rey. Olhai agora como reynando esta desimafexta geraçãõ atinuada de Elrey D. Affonso Henriques q̃ ali esta, pos Deos os olhos em nõs pera nos dar nosso Rey natural o senhor Dom IOAM o quarto *in desimafexta generatione atinuabitur proles tua, & in ipsa atinuata hoc est regnante atinuata prole ipse respiciet, & ridebit*.

Vede agora como saindo do gouerno da desimafexta geraçãõ atinuada, & por femea Delrey Dom Affonso Henriques, alcançamos em ou-



tra geração defimafexta por baronia do mefmo Rey primeiro Dom Affonfo , a renouação do reyno, & da coroa , que defimafexta geração he delle taõbem o noffo Rey Dõ IOAM o quarto, efperado com duplicadas oitauas, por fer o mais feftiuo Principe do Mundo: celebrandolhe a primeira a propria caza real, com oyto Reys q̄ tantos vaõ daquelle primeiro Affonfo ao primeiro Dom IOAM: & fazendolhe a segunda a gram caza de Bargaça , com oyto Duques tambem que tantos foraõ do primeiro Dom Affonfo te efte noffo bom Rey Dom IOAM o quarto, per manei ra q̄ affi o tronco real como o ramo de Bargaça, com duplicadas oitauas, por inspiraçaõ do Ceo, & ordem de Deos, tanto tempo de antemaõ fe ftejarãõ a elleiçaõ defte graõ Rey, renouador de hum, & outro, & restau rador da patria. Graças a Deos outra ves, & cem mil vezes pois q̄ efte explicaçaõ minha taõ publica neste reyno taõ tẽpo dãtes, veyo a fer mais que verdade: olhai como o termos efte noffo Rey proprio, & natural, foy do tempo defte Rey te oje prophesia cazeira, & certe: a indubitauel: & porq̄ vos diga tudo q̄ ja podemos fallar nestas materias o motiuo defte meu difcurfo, foy ver efculpida em feixos efte verdade, q̄ ate as pedras fallaraõ neste cafo.

Naõ; vos lembra Portuguezs os feixos q̄ o Mar deitou em efte reyno cõ hũas letras, q̄ diziaõ. *Duque*: oh feliciffimo Rey de quẽ ate pedras fallaõ: oh desgraçado gouerno, pois q̄ contra elle se leuãtaõ ate as pedras: como ef tas fizeraõ contra o gouerno tegora de Castella q̄ em nos trazerem efculpido dentro em fi o nome *Duque* nos deziaõ claramẽte q̄ efte era o noffo Rey. Bẽ fundei o meu difcurfo, a fee q̄ foy sobre pedra, q̄ ate o Mar nos tiraua dizẽdonos nos correlemos de sermos hũ mar taõ morto, q̄ deitauamos de nos noffos Reys viuos: nem vos espante difeuos q̄ com as pedras nas maõs nos fallaua o noffo mar, q̄ ja Ifaias diffe, q̄ o mar por dar vaia à terra lhe fal laua algũas vezes: *erubefce Sidon ait mare* lanço segundo a Glosfa de S. Am brofio de hũ ellemento cançado: *fatigati ellementi vox ista est dicentis erubefce Sidon*. Efte o mar em continos gritos dando vofes à terra pedindolhe se enuergonhe, & de naõ delcãfar nellas, eita ja o mar cançado, & todo rouco, q̄ fera quando chegue a fallarlhe com fete pedras na maõ: defte modo fallaua com Portugal o mar Occcano, & com Lisboa o Tejo, quando pera os entendermos ate em pedras efcriuiaõ o verdadeiro nome de quẽ era bem q̄ folse noffo Rey: *Duque*, *Duque*. Ou quiz ate o mar morto dife rnos com letras viuas, q̄ se en Belem eftauãõ os Reys de Portugal mortos q̄ elle, & o noffo Tejo pera fuas conquiftas alcuantauãõ por Rey ao nof-  
*Duque*: pois ambos ganhauãõ tanto neste imperio: lingua foy do mar o feixo, & vozes do Tejo as letras q̄ gritauãõ *Duque, Duque*. Que necessitaua o Tejo, & o mar Occcano para fuas cõquiftas de efte Rey q̄ elleito temos.

Ifaias 23.  
 Amb. apud  
 Glos. hic.

Vamos vendo alguãas outras prophcias de q̄ tenho noticia, q̄ que rer contar todas as q̄ ha fora impossivel, & esta, q̄ se segue, prophcia cazeira he de toda a minha ordem, q̄ grandemente fomos Portuguezes os Bernardos neste reyno. Oito annos ha em pôto, q̄no real mosteiro de Alcobaça celebrou o Ceo a festa da nosa restauraçã, que festa taõ excessiua oitauas auia de ter de annos & não de dias, antes q̄ o dia chegasse: q̄ depois serão segundas oitauas oito mil annos: foy o cazo, q̄ na era de 1632. em o primeiro sabbado de Nouembro, tendosse feito em o remate de hũ dormitorio, q̄ se fazia pera a parte do Norte hum frontespicio muito alto, de marauilhosa architectura, collocamos os religiozos deste habito hũa imagem, & estatuã do primeiro Rey Dom Affonço Henriques, em hum nicho que fica junto ao remate do dito frontespicio: naõ seria ainda passada hũa ora, comessando ja a anoitecer, appareceo da parte do Occidente onde fica o mar Oceano hũ globo de fogo, com hũa cauda de grandura de hũa boa lança, & veio correndo naõ mui leuantado de terra sepre em direitura da ditta imagem, ate q̄ chegando a ella se desfes sobre a coroa de Elrey, coroãdoã em giro deixando o ar taõ claro como o meio dia por espaço, considerauel: assi conta este milagre o nosso D. fr. Antonio Brandaõ Coronista mor deste reyno, na sua quarta parte da Monarchia Lusitana. Variamete se ajuisou sobre taõ grande protento em todo este reyno onde logo foy publica esta marauilha, porq̄ a vio a gente toda da villa de Alcobaça, & os religiosos daquelle real mosteiro: eu quero crer que o raio, q̄ em figura de lança trouxe na ponta a coroa pera a por sobre a cabeça do nosso primeiro Rey, foy o bago de meu padre S. Bernardo, q̄ oito annos antes em que esta desima sexta geraçã, auia de tomar posse do seu reyno, lhe foy offerrecer a coroa á sua estatuã, repetindo a mesma aççã, q̄ tinha feito ao proprio Rey Dom Affonço seu primo, quãdo lhe ouue do Sumo Pontifice o titulo de Rey de Portugal, assi como tambem este glorioso Rey nosso, q̄ oje temos auia de repetir a S. Bernardo nosso Pay as proprias aççoens de amor, que o primeiro Progenitor seu Elrey Dom Affonço fez: hũa, & outra cousa prouo. A meu P. S. Bernardo recorreo este sanctissimo Rey sobre lhe auer a confirmaçã do titulo de Rey do Sumo pontifice Innocentio 2. que entãõ era como consta de hũa propria carta sua pera o meu Sancto, que diz desta maneira *nomen Regis accipit quia Deus sic voluit queremoniam multam iam misit Rex Castella ad Dominum Papã peto ut faciatis ista omnia quod veniant ad finem bonum, & ipse nos confirmet regium nomen*: eu consenti chamaremme Rey os Portuguezes, porque Deos assi o quis, porem Elrey de Castella o naõ leua bem, & tem feitas queixas ao Sumo Pontifice, pessouos muito seruo de Deos Bernardo Primo meu, q̄ queirais alcançar do Papa a confirmaçã do titulo, & a coroa Real de

Brand. 4. p.  
mon. Lus.

Alf. in epist.  
ad Bern.

Portugal: Deos a dalla: Castella a querer tiralla: Bernardo a sustentalla: assi passou que vendo meu P. S. Bernardo esta carta de seu primo mandou a seu irmão S. Gerardo, & a fr. Rolando a Roma a alcançar do Sumo Pontifice Inocencio a confirmação da coroa de Portugal, & alcançada do Papa, a mandou por fr. Rolando a este Reyno, cõ hũa carta em resposta a Elrey Dom Affonço da qual as palauras, que nos seruem são as seguintes: *frater Rolandus filius noster Apostolica largitatis literas refert: fr. Rolando* do nosso irmão vos leua a coroa real, que pretendeis, & o titulo de Rey, q̄ dezejais. A qual coroa porq̄ mais claramete se visse q̄ lha daua S. Bernardo: o Abbade de Loruão lha pos em a cabeça nas cortes de Lamego dandolhe hũa coroa muito rica pera este effeito, q̄ tinha sido dos Reys Godos & hũ tinha dado ao mosteiro de Loruão, como refere Caram. lib. 2. art. 4.

Bern. ad  
Alf. Reg.

Dizeime Portuguezes meus se nosso P. S. Bernardo ouue o titulo de Rey da See Appostolica pera o nosso primeiro Rey, que por mostrar se agradecido nos fundou o sumptuosissimo, & real mosteiro de Alcobaça, dedicandolhe as rendas das primeiras terras de sua conquista, & em sinal de maior amor, pagaua todos os annos a Claraual, certo feudo, como elle proprio lhe chamou em hum instrumento, que com seu sello pendente se cõserua no cartorio de Alcobaça, & o tras a nosa choronica fol. 131. & o refere Caramuel p̄do em questaõ por este feudo se pertencia este reyno em falta de suceção ao Abbade de Claraual? Que não he pequeno louuor da minha ordẽ. Que muito he pois q̄ oito annos antes deste nosso nouo Rey, leuãtado nõs estatua a este primeiro Rey, a venha coroar Bernardo em Alcobaça comesando as primeiras oitauas desta festa oito annos antesedentes em o primeiro sabbado de Nouembro, q̄ corresponde ao primeiro sabbado de Dezẽbro, em que se tomou a voz do nosso Rey dentro em Lisboa, que entrou tomando posse deste reyno: & dando hũ mosteiro a Bernardo na villa de Barcellos, cabeça do primeiro senhorio que ocupou na terra, no que se imitou o primeiro Affonço: eu vos fico q̄ Bernardo lhe cõfirme do Ceo o titulo de Rey a pezar de Castella, & o tempo vos dou por testemunha.

Cara disp.  
2. lib. 5.

Prophecia cazeira foy desta real caza de S. Crus em dia do Spirito Sancto da era de 1610. tres religiozos deste Sancto Conuento praticando sobre o desemparo deste Reyno & se aueria em algum tempo Rey natural seu, que o gouernasse, & o tornasse a por na sua idade dourada que passara, pratica mui conforme à q̄ tiueraõ os Sagrados Discipolos de Christo, quando lhe perguntaraõ: *Domine si in tempore hoc restitues Regnum Israhel.* Estando assi nesta saudosa pratica encostados todos tres naquella Sagrada Sepultura, de dentro della ouuiraõ dar noue pancadas como em taboa, sendo ella toda de pedra, tirado o ataude de pau, em que o santissimo

Extanc. et  
ses in Ceno  
bio sancte  
Crucis.

Act. 1.

simio corpo daquelle Rey descanfa. Que ou foraõ reprehensãõ de duuidarem do bem q̄ vemos. Ou dizerlhe q̄ esperassem te q̄ a vontade diuina executasse a ordem q̄ tinha determindado, q̄ foy a propria reposta, q̄ o Senhor deu aos discipulos: *non est restrũ nosce tempus, vel mēta qua pater posuit in sua potestate*: se ja naõ disse este Rey nestas pancadas, q̄ fossẽ os Portuguezes certos, q̄ pouo q̄ ti ha hum Rey q̄ inda na sepultura estaua viuo, naõ podia duuidar, q̄ quando se visse morto o Reyno, elle o resuscitaria dãdo lhe Rey natural. Presente esteue a taõ grande marauilha o P. Dom Lourenço da Piedade q̄ me ouue, & tomo por testemunha.

Prophecia cazeira foy o S. Crucifixo de Goa, q̄ na primeira sexta feira da Quaresma, a oyto de Feuereiro de 1636, às oyto oras da noite começou a abrir os olhos pondoos com muita clemencia em todos os q̄ ali estauãõ, milagre o mais raro q̄ nunca socedeo porq̄ continuou oyto dias enteiros, repitindose por muitas vezes, sem nunca este mesmo Senhor ser feruido, de abrir os olhos diante do Visorey Pero da Sylua, sendo este fidalgo muito honrrado. & virtuoso: Eu cuido q̄ aqui quis o Senhor explicar mais a nosã prophecia, do: *ipse respiciet, & videbit* E mostrar q̄ so pera os Portugeses abria os olhos, E q̄ so pera elles olhaua: & como o Visorey representaua Castella no gouerno, naõ he muito q̄ naõ experimentasse esta ventura; & cõ esta exposiçãõ entendereis taõbem o mysterio q̄ ouue, em esta sancta imagem fallar por entre dentes, & naõ auer ninguem, q̄ entendesse nem o q̄ ella fallaua, nem em que lingua. q̄ como ainda nos naõ entendiamos com o Rey estrangeiro q̄ tinhamos, pode ser q̄ a isto aludisse este segredo: naõ ficando culpa em nos neste gouerno estranho entendermos: o *Heli, Heli* da Crus no *Heliam vocat iste* ou naõ no entender de todo crendo fallar entre dentes: q̄ he o mesmo q̄ dizer que denotaua inda hum Rey q̄ trazia os vasallos entre dentes.

Marc. c. 15

Prophecia cazeira foraõ os versos seguintes, q̄ se acharãõ ha muitos annos na India junto a sepultura do Apostollo S. Thome, & q̄ eu tenho ha mais de doze annos.

*Pugnabit Rex in pubertate sua: & viduabitur in lacrimis.*  
*Introducetur prudentia cum rigore, & deuastabit re iquias confitecium,*  
*Tunc adiunget regnum, regni, & vermibus scaturiet.*  
*Egredietur aliter incipiens, & omni mutescet in eo prudentia secundis.*  
*Triumfabit in Regna alieno, & non gratulabitur illi,*  
*Do miet Rex dormiens, & cadent stela eius.*  
*Paludabit virga eius in sceptrum, repulstabit seditiones in populis,*  
*Scindetur virga in brachio suo, & exultabit in pauperes in latitia:*  
*Duxerit devotes nos in sensari: & facti prudentibus deridebunt.*  
*Tunc accedet in Hospitia leo, & deuideretur regnum a regnis,*

*Præualebit Lusitania gentibus: & læta quiescet Regi suo.  
Tunc gratulabuntur illi Reges multi, diuitijs luxuriabit,  
Repululabitur sceptrum renouatum; & non auferetur vniquam ab eo.*

Em cujas palauras se esta vendo tudo quanto tem socedido tegora desde Elrey Dom Sebastião de quem falla o primeiro verso, & do segundo até o nono se trata dos tres Phelippes de Castella. fallando os quatro vltimos com o nosso inuicissimo Rey Dom IOAM o quarto, com cujo gouerno se nos prometem infinitas felicidades, muito maiores ainda, do q̄ foraõ nossas desgraças tegora, q̄ naõ he pequeno encarecimento.

Prophecia cazeira podemos dizer q̄ foy o q̄ Ioaõ Belot mestre publico na Vniuersidade de Paris de Mathemat. cura de Milmont disse na Centuria 3. do anno de 1630. o qual liuro imprimio em Paris na era de 1622. & o dedicou ao cristianissimo Rey Ludouico 13. q̄ oje reyna, & porque naõ tenho noticia que aja neste Reyno outro liuro semelhante mais q̄ este q̄ allego, q̄ trouxe Sebastião de Saa de Miranda de Madrid, & mo deu a mim dizendome, q̄ lho dera o embaixador de França q̄ entaõ estaua em Madrid poreias palauras delle fielmente trasladadas do lugar asima ditto. Que são as seguintes.

*Le Tage est le plus grand fleuue du Royaume de Portugal, le quel vient de l' Espagne; & en celuy se erouue de l' or e est pour quoy nostre Auteur le dit, tout doré, & le prendi cypour le Portugal, de quel Royaume regarde celuy d' Espagne, qu' il nomme en raison des armes les quels Royaumes, se deuiseront, & les premiers vendron (se coijant lo ioug du 17on) se remettre en leur premiere liberté & suo leurs naturels Prinçis exiliez, mes il ne reussire pour lors de leurs entreprinset, que miseres, & afflitions car l' année du rapel de lo race exilie ne se fara q' en l' an. 16, 7. quiserà par des royes extraordinaires, & in cognaiçens des hommes. Dieu estant inste Iuge, & grand, & insaillible disposateur de cedebonaire Prinçe qu' il restituera en leur regne.*

Quer dizer. O Tejo he o maior rio de Portugal, o qual cria muito ouro, & cinge o Reyno de Portugal, o qual reyno he parte de Espanha, & cõfina com Leam q̄ se chama assi pellas armas daquelle reyno: estes dous reynos de Portugal, & Leam se diuidiraõ, & Portugal virá a sacudir o jugo de Leaõ, & a gosar de sua antiga liberdade, & de seus naturais prinçipes desterrados, mas isto não sera sem grandes apertos, & affiçoens, q̄ duraraõ te o anno da redençaõ de 1637. no qual por vias extraordinarias, & incognitas dos homens estando Deos justo iuis grande, & infaluel dispensador de tudo, com o protector da raça, & geraçaõ dos Reys de Portugal, elle lhes restituira o seu Reyno.

Euidentemente esteue este homem vêdo o aleuantamento de Alentejo, q̄ socedeo no anno de 1637. & vltimamente a restauraçãõ desta Coroa.

Prophecia cazeira foy o mandar o gouerno de Castella tirar o Nũ-

cio Appostolico deste Reyno, tão grande prophecia, & tão cazeira, q̄ não ouue homem nenhum, q̄ douto & timorato fosse, q̄ não entendesse logo q̄ auia o Ceo tomar satisfação: & graças a nosso Deos, que a tomou tão cortelam, podendo a tomar so rigurosa, & diguo q̄ a tomou so cortelam, porq̄ a policia ensina, q̄ que me borta fora de sua caza, espere que o botte eu tambem da minha: q̄ esperará quem me chegar a deitar ate da minha. Caza propria he de Christo este seu reyno de Portugal, como elle proprio lhe chamou fallando com aquelle Rey que ali esta viuo, q̄ este Rey nunca morreo, pera q̄ nós não morressemos: *rollo in te, & in semine tuo imperium mihi stabilire* pois se Castella deitou o Nuncio Appostolico de Portugal com ser a casa de Deos: q̄ menor satisfação, & mais a justada com as leis da brandura, & cortezia podia tomar o Ceo, q̄ deitar tão bem Castella de sta propria casa sua? Mormente que reforçando mais este discurso, não podia Deos deixar de lançar fora Castella de Portugal, dando outra vez a este reyno Principe natural seu, pois Castella delinquia com maior excessso na propria culpa, que foy causa de Portugal perder a coroa, & ce ptro.

Os que noticia tendes da nossa Coronica Cysterciense achareis nella, hũa carta de meu P. S. Bernardo escripta áquelle sanctissimo Rey, & primo seu Dom Affonso Henriques, na qual lhe rende as graças pelas rendas que dotara a Alcobaça, & juntamente lhe prophetizou o tempo, em q̄ este reyno auia de perder o gouerno de seus naturais Reys, imputando esta desgraça nossa a se tirarem as rendas daquella casa, o q̄ em effeito socdeu inteiramente quando se diuidirão os Abades de Alcobaça em Abade comendatario, & Conuentual do mosteiro: ouçamos as palauras do sancto q̄ he hũa prophecia nottauel: *in duracione & integritate monasterij indolebile habebitis elogium Regni vestri: & in diuisione reddituum deuiderunt a vobis corona vestra*: tras esta carta toda o nosso coronista Britto no liuro 3. da Coronica de Cyster cap. 20. fol. 168. das quais palauras, & prophecia de meu P. S. Bernardo faço agora este argumento. Se Portugal perdeo seus naturais senhores, & Reys, porq̄ diuidirão as rendas de Alcobaça, q̄ esperaua Castella que o Ceo lhe fizelle querendo tirar os redditos das Capellas, que he o patrimonio de Christo, prendendo, & desterrando ao seu Nuncio porque intentou deffenderlo? Graças a Deos dou cem mil vezes por parte de Castella, do castigo ser, tão leue, tão cortesaõ, & tão brando.

Passemos das prophecias aos synais q̄ nesta occasiã deu o Ceo em proua desta elleiçãõ ser toda sua q̄ eu vos fico q̄ os synais abonem as prophecias: & estas prophecias do Ceo com synais tão euidentes fiquem sendo indubitauens. Que maior synal podia dar o Ceo que na procissãõ do rend-

rendimento de graças q̄o nosso Arcebispo Metropolitano fez; chegando elle debaixo da porta q̄ chamamos de Lisboa, & por outro nome de S. Antonio por estarem sobre a porta as armas de Lisboa, & o glorioso S. Antonio nosso natural defronte na Igreja, q̄ se fundou nas proprias casas, em q̄ nacera: fallando neste lugar o virtuoso Arcebispo com hum sancto Crucifixo que leuaua na Crus Archiepiscopal, q̄ se esta elleiçãõ de Rey era pera seruiço seu, o declarasse: em cõtinẽte se vio despregado da Crus o braço direito, & debruçada a cabeça juntamente, estancia, & figura em q̄ inda oje persevera como todo o Mundo escreue de Lisboa, successo que pellas circumstancias q̄ antecederãõ mais parece synal miraculoso que acçãõ socedida a caso. Dizeime meus naturais podia fazer mais Christo q̄ com a mão dar indícios q̄ aprouaua esta obra, & q̄ abaixando a cabeça daua o si de taõ ajustada elleiçãõ? a causa parece certo q̄ acredita por milagre o successo, & como este for aprouado, o milagre aprouara melhor a elleiçãõ.

Pois aguardai q̄ ate o mesmo dia em q̄ isto socedeo foy synal maravilhoso: foy este felicissimo dia o primeiro sabbado de Dezembro, na yespora do Domingo do Iuiso, que acçãõ de tanta justiça o mesmo tribunal do diuino Iuiso a aprouou: naõ quero fazer força naquella triste sentença *ite maledicti*, q̄ parece q̄ ali se ouiu taõbem, por q̄ espero na diuina misericordia do nosso Deos, que com temporal castigo ficassem cõdenados estes tristes que o bom ladrão do Ceo esperança firme he de saluaçãõ, ate aquelles q̄ nas vidas o imitarãõ como na ora da morte souberem pedir perdaõ conio elle fez. Passo à alegre sentença que o Anjo Custodio deste reynõ entoou naquelle dia fallando com todos nõs os portuguezes: *Venite benediãt Patris mei, posside e paratum vobis Regnum à constituitiõne mundi*: Vinde Lusitanos bemauenturados do Padre eterno, tomai posse do reyno, q̄ prometido vos he do principio do mundo: do principio de vossas conquistas: do principio dos vossos Reys.

Mat. 24.

Outra circumstancia acho neste synal do Ceo, em ser esta elleiçãõ Feyta no dia do Iuiso, q̄ tem hum mysterio grande, & muyto engraçado: & he q̄ permitio o Ceo, q̄ ate nossos inimigos em seus escarneos fossem nossos prophetas verdadeiros: porq̄ custamauãõ dizer os castelhanos matandosse de riso, q̄ taõ acabados estauamos os Portuguezes, q̄ so no dia do Iuiso nos aleuantariãmos: & veio a ser verdade esta zombaria sua ficando elles os zombados com grande magoa sua, & riso nosso.

Estes foraõ os synais de Lisboa, & em varias partes deste reyno, queue tantos, & taõ nottauens, q̄ eu fico q̄ os pregadores donde elles socederãõ os digaõ com milhor estyllo: eu so contarei o s q̄ nesta Vniuersidade, & cidade concorrerãõ, pois correm por minha conta. Chegou

esta felecissima noua de nossa liberdade, & restauração, hũa quarta feira cinco do mes de Dezembro (ja não ultimo do anno, mas digno de o contarmos por primeiro, pois no dia em que entrou nos trouxe tão grande bem, & nos tirou tantos males) vespora de S. Nicolao, dia singularissimo entre todos os do anno nesta terra: porque se celebraõ nelle juntamente duas festas nesta Cidade, as memorias daquelle primeiro Rey em esta real casa: & na Vniuersidade no Collegio de S. Hieronimo o prestito de S. Nicolao que a elle vai. Ora notai os synais que neste pouo se virão. Quando a bandeira real chegou ás portas deste sanctissimo mosteiro de S. Crus, & quem a leuaua, que foy Bertholameu de Saa Pereira caualeiro do habito de Christo com o zelo que a quem era, & a seu Rey deuia appellidou o Real, Real e stauão os religiosos deste santuario cantando: *Regem cui omnia viuunt venite adoremus*, que quer dizer adoremos ao Rey, por qnem todos viuemos: ha maior viua do Ceo? pois semelhante a este tornou o mesmo Ceo a repetir na igreja de S. Hieronimo quando às suas portas se ouuiu o Real, Real ao tempo, que o sacerdote, que officiaua a missa leuantou o *Gloria in excelsis Deo, & in terra pax hominibus bonae voluntatis*, pronostico que certifica gofará este nosso Rey de seu imperio em paz contentandose de Castilla com o ter secenta annos sem titulo nem iustiza, antes contra ella toda como se ve das cortes de Lamego referidas por Caramuel lib. 2. art. 4. o qual pondo a todas glossa a esta que se segue não achou nenhũa que por, vendo que era indubitauel contra os Reys de Castilla.

*Sit ista lex in sempiternum, quod prima filia Regis accipiat maritum de Portugalle, ut non veniat Regnum ad estrancos: & si casauerit cum Principe estraneo, non sit Regina, quia, nunquam volumus nostrum Regnum in esse de Portugallensibus, qui nos sua fortitudine Reges fecerunt, sine adiutoria alieno per suam fortitudinem, & cum sanguine suo.*

Conforme esta lei quem não ve mais claro que o Sol como Phelippe prudente foy entruso neste reyno contra as leis d'elle, deserdado por força de armas a Senhora Catherina a quem não so competia o reyno por esta via senão pella representação, que fazia do Infante Dom Duarte seu pay. Filho do serenissimo Rey Dom Manoel, o qual Infante Dom Duarte cazou com a serenissima senhora Dona Izabel, filha do Duque Dom James de Bargaça: intro duzindosse na successão deste reyno, Phelippe segundo Rey de Castilla mais por força, que por iustiza, por ser filho da Infanta Dona Izabel Emperatris de Alemanha, filha taõbem do nosso Emperador, & Rey Dom Manoel; sendo que por esta via taõbem podia alegar a propria iustiza, o Duque de Saboia Manoel Felisberto filho de Carlos, Duque do mesmo estado, & que cazou com a serenissima Infanta Epina Britica, filha taõbem do proprio senhor nosso Elrey Dom Manoel: & não.



naõ so o Duque de Saboia Manoel Felizberto podia dizer, que com igual justiça que Phelippe 2. lhe competia esta coroa por ser filho da sereníssima Infanta Dona Brittes: & estar em igual grao com elle: scnaõ taõbem o Principe de Parma, & Placenssa, filho de Alexandre Farnès, q̄ cazou cõ a serenissima Infanta a senhora Dona Maria, taõbem filha do mesmo Rey & senhor nosso Dom Manoel da gloriosa memoria. De maneira que em igual grao estaua Phelippe segundo de Castella, com o Duque de Saboia & o Principe de Parma, na sucessaõ destes reynos, por serem estes senhores, todos tres, filhos de tres irmaãs Infantas serenissimas, filhas toda do senhor Rey Dom Manoel primeiro deste nome. E so a senhora Catharina Duqueza de Bargaça eta a q̄ tinha a justiça toda na sucessaõ desta coroa por ser filha do Infante Dom Duarte filho del Rey Dom Manoel.

Em confirmação de cuja justiça, proponho tres fundamentos somente, das principais tres sciencias que euidẽtamente mostraõ a rezaõ cõ que Elrey nosso senhor, hõ verdadeiro Rey nosso, & como o de Castella estcue agora intruso.

Naquelle celledre sermaõ que Christo Redemptor nosso fez a seus sagrados Apostolos na noyte vltima de sua vida dedicada a suas laudades & a nosso remedio, querendolhe o Senhor propor a identidade com substancial que tinha na natureza com o Padre, & declarar o mysterio sacrosancto daquellastres pessoas diuinas, das quais elle era a segunda, & aquẽ como, filho Vnigemito competia o ser Rey, & Sñor de todas as creaturas para este Sñor fazer jargumento de que ja os sagrados discipulos tinhãõ bastante conhecimento do padre, diz q̄ quem o via a elle, estaua vendo a seu pay: *si cognouisceris me, & patrem non uiu utique cogno: isceris, & amodo cognouisceris eum & uideris eum.* Sobre as quais palauras diz Dionisio Cartusiano, q̄ nem menos q̄ por quatro rezoẽs dizia Christo q̄ queõ o via a elle via ao Padre, a primeira *propter Patris & Filij substantialem identitatẽ, seu vnitatẽ* pella substancial identidade, & vnidade, q̄ tem na propria natureza: a segunda rezaõ, porq̄ o Pay, & o Filho sãõ correlatiues, & quem hum ve, ve o outro, *secundo: quoniam Pater, & Filius sunt correlatiua quorum natura est, ut uno cognito cognoscatur, & reliquam:* a terceira rezaõ porque de ordinario he o filho taõ parecido cõ o pay, que se estã vendo o pay ao uiuo debuxado no filho *tertio: quoniam Pater, & Filius adẽõ similes sunt ut uno cognito alius cognoscatur.* He a vltima, & quarta rezaõ q̄ Cartusiano aponta, ser o filho taõ verdadeira imagem de seu Pay que he impossuel ver o filho, & naõ estar vendo o Pay *quarto: quoniam filius est naturalis, & perfecta Patris imago in qua quidquid Patris est plenissime splẽdet.* Ora notai Portuguezes meus. Cõ todas estas rezoẽs, & motiuos q̄ os sagrados Apostolos tinhãõ pera conhecer o Padre vẽdo o filho, & estes serẽ taõ forçosos q̄ como S. Bern. diz, era impossuel poderem

Iou. 14.

Cartus. hic

Berd. ser. 5.  
de verb. Isr

ser niais claros: *non potuit expressius substantia & uitas comendari:* não faltou hum Phelippe que com pouca rezaõ disse q̄ desconhecia o pay por desconhe- ser o filho: *Domine ostende nobis patrem, & sufficit nobis:* grossaria cometeo Phe- lippe em desconhecer o pay quando conhecia o filho, & assi teue de Chri- sto por reposta esta reprehensãõ tão aspera: *Phelippe qui uidet me, uidet & pa- trem meum:* Phelippe quem me a mim ve, não esta vendo a mim so, senaõ tambem a meu Pay a quem eu represento, assi pella identidade da natu- reza, como pella correlaçãõ, q̄ entre nõs ha: ou finalmente por eu ser se- melhança, & imagem sua: *non credis quia ego in Patre, & pater in me est:* não cres Phelippe, q̄ está a meu pay em mim, & eu em elle: de incredulo argue Chri- sto a Phelippe, porq̄ desconhecer Phelippe, q̄ estaua o pay no filho retra- tado, mais era pera infiel doq̄ pera hum catholico.

Acomodo esta alta, & profunda Theologia aos filhos das tres In- fantas serenissimas filhas Delrey DomManoel, formando hũa trindade de pessoas pretendentes à coroa deste reyno. E fallo so com Phelippe, que vsurpou por força o titulo de Rey, não tendo mais justiça, q̄ Parma, & q̄ Saboia: tirandoo a quem de direito vinha, q̄ era a Senhora Catherina Duqueza de Bargaça filha do Infante, & Senhor Dom Duarte: & faço o proprio dialogo entre a Senhora Catherina, & Phelippe segundo de Castella, & com as mesmas palauras, q̄ entre Christo, & S. Phelippe so- cederãõ: Alterca a soberana Senhora por sua parte allegando a muyta ju- stiça que tem pella representaçãõ, q̄ faz da pessoa de seu pay o Infante Dom Duarte assi como Phelippe representa a pessoa de sua Mãe a Infan- ta Dona Isabel, & diz a soberana Senhora: *si cognouissetis me, & patrem meū utique cognouissetis, & admodo cognouissetis eum, & uidissetis eum:* se vos me conheceis bẽ, taõbem conheceis a meu pay: & o certo he q̄ o conhecestes, muy bem, & q̄ o uistes: responde Phelippe fingindo desconhecer o Infante Dom Duarte por não conhecer a justiça da senhora Catherina: *ostende nobis patrē & sufficit nobis,* mostrainos vosso pay viuo, & isto nos basta q̄ se o não vir- mos a elle, a vos pouco importa veruos. Replica a soberana Duqueza de Bargaça, *Phelippe qui uidet me, uidet & patrem meū* Phelippe quem me a mim ve a meu pay ve, porq̄ o represento eu como imagem viua sua, *non credis quia ego in patre, & pater in me est:* Phelippe não he de catholico não crer esta verdade que está a meu pay em mim, & eu em meu pay, & assi como elle ouuera de preseder a vossa may dequem vos sois semelhança, assi he ius- to q̄ vos preseda eu, q̄ o represento. Fundamento he este deduzido nem menos, que da infinita verdade, doq̄ passa na viua imagẽ do filho do eter- no Padre, & q̄ em rigor da melhor Theologia ensinada por Christo estaua dando a coroa de Portugal à senhora Catherina preferindo: a Phelippe: mas pôde mais opoder doq̄ a justiça, porque como disse Demostenes: *im-*

peria pleiaque violenta sunt, & magis armis quam iure consiliuntur he bem verda-  
de que como elle acrefenta nullus dominatus est perpetuus praeferim violentus, ab  
alijs al alios imperia transferuntur: & inda milhor Liuius imperia male paria, male Liui. lib. 2.  
gesta, male recenta, obruuntur: q̄ he o mesmo q̄ tinha dito o Spirito Sancto dec. 1.  
de rebus male acquisitis nõ gaudet tertius h.eres.

Fôde finalmete mais o poder, & incredulidade de Phelippe do q̄ a ju-  
stiça, & resaõ, te que oje o inuictissimo senhor Rey Dom IOAM o quar-  
to em nome de sua auo desherdada, & de seu pay o Principe Theodozio  
estã dizendo a Phelippe quarto de Castella, netto de Phelippe segundo a  
mais sentida queixa q̄ Christo deu a Phelippe, & foy naõ poder com elle  
o tempo a reduzillo a q̄ cresce e ta verdade de sua representaçaõ, que pa-  
rece que no nome de Phelippe, erdaraõ estes tres Phelippes de Castella  
negrem esta verdade. *Tanto tempore vobiscum sum, & non cognouisti me, Phelippe  
qui videt me, videt & patrem meum.* Phelippe naõ bastauõ sessenta annos, pe-  
ra conheferdes como eu, meu pay, & auõ (formo outras tres pessoas da  
trindade da coroa deste reyno desherdadas) estamos representando to-  
das juntas, & cada hũa por si pella identidade da natureza, a semelhança  
& imagem do Infante Dom Duarte, filho del Rey Dom Manoel por que  
se nos deu o ceptro, & a coroa deste reyno: ja que o tempo, & resaõ naõ  
puaderaõ decidir este negocio, com ser de tanta importancia o Ceo o faça,  
& assi como Deos illustrou o entendimento a Phelippe pera crer esta ver-  
dade da representaçaõ do pay no filho, o mesmo Deos faça agora que  
crea a propria verdade outro Phelippe no cabo de sessenta annos q̄ largo  
tempo lhe concedeo o Ceo a este fim, mormente quando isto he hũa ver-  
dade taõ conhecida, que na suceçaõ do reyno sempre se prefere a repre-  
sentaçaõ, que por cousa indubitauel o resolueo assi toda esta Vniuersi-  
dade de Coimbra, logo entãõ em hum parecer doutissimo que fez acerca  
desta materia com grauissimos Doutores que refere Caramuel lib. 5.

§. 4.

\* Af. de Lus-  
Fel. Ter.

Tambem o Ceo deu este reyno de Portugal ao senhor Rey Dom  
IOAM o quarto muy conforme à lei da successão, que nelle se pratica por  
que se em França conforme a lei Salica em deffeito de legitimo successor  
da casa real ha Principes a que chamaõ de la sangre, que sucedem na co-  
roa, por naõ passar a estranhos, que saõ o Principe de Condẽ o de Conti, &  
& o de Vandoma, o Duque de Orlens o de Mompensier, & o Conde  
de Soisocens. Em portugal a lei que se praticou sempre foy a apellidaçaõ  
& aclamaçaõ do pouo, & da nobresa, & clero, assi o dispos nem me-  
nos que o verdadeiro legislador de todas as leis Christo Iesu na noyte da  
batalha memoranda de Ourique, fallando com o primeiro Affonso &  
Rey tamẽm primeiro deste Reyno, que ali jas: fazendo Christo a si gura

do Rey, & Sumo Pontifice, & como cada hum delles ligislador supremo de Canones Sagrados, & de Leis, que este fundamento dedico as duas frencias ambas iuntas de Cinones, & de Leis: *gentem tuam inuenies alacrem ad bellum, & fortem perentem vt sub Regis nomine in hac pugna ingredieris, ne dubites sel quidquid petierint libere concede.* acharas Affonso diz Christo crucificado a tua gente Lusitana, toda muito animosa, & forte, & com grandes dezes jos de vir as maos co inimigo, & que te quereu leuantar por Rey, concedelhe este gesto. Naõ vedes como o Rey de todos os Reys, & o Sumo Põ tifice supremo, estabellese por lei a nossa elleiçaõ de Reys de Portugal feita por aclamaçaõ dos Portugueses? Outra ves repetiraõ esta elleiçaõ nõ terceiro Affonso repudiando a Elrey Dom Sancho capello por Remiso, cuja acelimaçaõ aprouou o sumo Pontifice Ino. 4. no cap. grand. de suplena negligentia prælatorum lib. 6. onde claramente o sumo Pon tifice alem de aprouar a elleiçaõ dos nossos Reys feita pello pouo, da as resoens, & causas porque os vasallos legitidamente podem elleger a seus Reys pera gouernallos, & saõ quando a vtilidade do reyno o pedir, a def fençaõ das Igrejas, & mosteiros obrigar a isto, & o desemparo das orfãs & viuuas, & auexaçaõ dos seculares, & ecclesiasticos for conhedicamente demasiada, naõ rãffiro as palauras por naõ parecer que firo no caso direit tamente, mõrmente porque do texto, que he conhedido de todos no lu gar refferido se podem ver. Quem fez Rey o primeiro Dom IOAM nosso fenaõ o pouo? Emfim succisaõ he esta taõ iustificada em reynos, que Aristoteles julgou os Cartaginienses por mais ditosos, que aos Lacedemonios, porq̃ estes tinhaõ os Reys per succisaõ de pay a filhos, & aquelles os ellegiaõ. E o Emperador Galba se jactaua deque no consistorio dos tres estados de Romã propusera quem lhe auia de succeder no Imperio por elleiçaõ da Republica: *Augustus in domo successorem que fuit, ego in Republica.* & Plinio em seu panigirico esta elleiçaõ dos Reys pellos vasallos, he a que apro ua por boa: *Imperaturus omnibus eligi de' et ex omnibus, non enim seruulus tuus Dominum vt pisis esse contentus quasi necessarius hæredes, sed Principem ciuibus daturus* Impe rator. & quando esta elleiçaõ de Reys inda fõra do sangue real se canõ nisa por boa: que sera a elleiçaõ que se fez na pessoa do serenissimo Rey, que oje temos, em quem concorre a justiça de seu pay, & auos, aquem este reyno vinha de direito, & as necessidades comuas do gouerno assi eccle siastico como secular, & as auexaçõens da Republica estaõ obrigandoo a que consentisse nella, pois era mais feita, pello Ceo, que pellos homens: & estes mouidos por Deos estaõ pedindo que este Principe os deffenda, de quem alem de estar intruso no reyno lhe naõ guardaua, nem guardõ nunca as obrigaçõens, que em cortes lhe jurou. Fundamento, que he pro prio do direito ciuil, terceiro & vltimo, que aponto breuente neste

B  
d  
Exceff. Reg  
Alfonso.

Estehe o mes  
mo R. D.  
af. que erra  
damõte as  
fol. 10. vas  
uomeado  
por segũdo.

Arist. 2. pol  
9. & 3. pol.  
11.  
Apud Marg  
no gouern.  
christ. lib.  
2. cap. 3.  
fol. 213.

fermaõ; porq̃ se nõs os vasallos nos obrigamos a fello de hum Rey, quando o juramos. taõbem elle se obriga a guardarnos nossos forõs cõ o proprio juramento, & quebrandoos, & quebrandoo, em boa consciencia podemos naõ estar pello contrato, encorrendo elles na reprehensãõ bẽ merecida q̃ Iustino lhe da, por naõ guardarem a fee, q̃ nõs prometem senaõ quando lhes parece, & lhe esta bem: *fidei dictis, promissisque nulla, nisi quatenus expediat*: lanço q̃ de ordinario experimentaõ à sua custa as republicas, q̃ sãõ governadas por Reys estrangeiros. Donde veo mandar Deos no Deuteronomio, q̃ nõca seu pouo ellegeffe Rey alienigena: *eum constituetis quẽ Dominus Deus tuus elegerit de medio fratũ tuorum*. Conselho que expendendo de uagar S. Thomas principe da Theologia na 2. 2. quæst. 105. art. 1 ad 2. diz que o Oraculo diuino ordenara que nas elleiçoens dos Reys se guardasse o que se segue. *Primo quidem modum eligendi, in quo duo determinant: vt scilicet in eius electione expectarent iudicium Domini, & vt non facerent Regem alterius gentis*? Primeiramente ordenou Deos, que quando o pouo ellegeffe Rey, fosse primeiro esperando a võtade do Senhor, & naõ fosse a pessoa aquẽ dessem a coroa forasteira. Ide passando pella memoria a circunstantia da nosa eleiçaõ ser feita na vespõra do dia do iuizo do Senhor, no nosso natural principe, & vereis como em elle guardamos as aduertencias de Deos. Acrescenta S. Thomas, que os imotiuos que o Senhor teue pera por este preceito, foy estar vendo o pouco ou nenhum amor, comq̃ os Reys estrangeiros trataõ aos vasallos q̃ lhe naõ sãõ naturais: *quia tales Reges solent parũ affici ad gentem cui perficiuntur, & per consequens non curare de eis*. Dispoem mais a lei diuina, a parcimonia & temperança, comq̃ se auiaõ de auer os Reys pera euitarem o naõ vir a dar em tiranos com as demasias dos gastos, & superfluidades desnecessarias *secundo: ordinauit circa Reges institutos qualiter deberent se habere quantum ad se ipsos: vt scilicet non multiplicarent currus & equos, neque uxores, neque, etiam immensas diuitias: quia ex cupiditate horum Principes ad tyrannidem declinant, & iusticiã derelinquunt*: abominados ficãõ com esta doutrina de S. Thomas os demasiados gastos do maõ retiro, cujas paredes estaõ tecidas com tal, amaçada com sangue, & mais cõ lagrimas. Depois do Senhor tratar do bem dos subditos apõtãua taõbem a veneraçãõ, & culto q̃ os Reys deuiaõ guardar às cousas sagradas: *instituit etiam qualiter se deberent habere ad Deum, vt scilicet semper legarent, & cogitarent de lege Dei, & semper essent in Dei timore, & obediencia*: que longe foy de esta ordem a que era contra as capellas, os tributos às igrejas, & sobre tudo a prisãõ, & o desterro (depois do apertado cerco) seyto ao Nuncio Apostolico, com injuria taõ grande dã nõs a christianissima Lisboa, & de todo este Reyno? Por fim, & remate de tudo diz o Doutor Angelico S. Thomas, que logo Deos prohibira aos Reys, & Emperadores que naõ fossem soberbos nem des-

Iust. ap. 8  
chris. lit  
c. 3. f. 29  
Deuth: 1D. Thom  
2. 2. qua  
105. art. 1.  
ad 4. 2.D. Thom.  
cit. loco

D. Tho. 5.

De Thom  
vbi 5

*Thom. us.* prefassem os vassallos; nem os auexassem com cargos, & impozisões novas fazendolhe injustiças: *instituit etiam qualiter se haberent ad subditos suos: vobis scilicet non superbe eos contemnerent vel opprimerent; neque etiam, à iustitia declinarent.* E se Deos prohebia soberbas, & arrogancias aos Reys, como se leuariaõ bem as dos ministros descortezes, & insolentes, que tegora tiue mos?

Resoluome Clero nobreza, & pouo de Portugal que fisestes muyto bem, & muy conforme as leis diuinas, & humanas em elleger por Rey vosso, ao nosso natural senhor: appellado por vostodos pera sua elleiçaõ, ficar feita, & aprouada por governo Aristocratio, Olicarchio, & Democratio, q̄ são todos os que no mundo se achaõ como bem ensinou S.

*D. Tho. 2. 2. 1. 95. art. 4. in corpore.* Ponha Castella a si mesma a culpa de perder nosso governo, que em nos a ouue semente no tempo q̄ elle durou injustamente: & aprendaõ de nos os Reys, a serem pays dos vassallos como sempre os nossos Reys portuguezes foraõ: deixando as demasias, & insolencias pera os barbaros, & tiranos, que como a força os pos em seu estado, isentos viuem das leis da humanidade, & amor, praticando so as regras da conueniencia, & gosto, axioma verdadeiro de que não conhece a Deos, & mais pera gentios, & tiranos, que pera naturais Principes, & senhores: que estes como disse Liuius tem obrigaçaõ de se atarem & prenderem as leis que prometem guardar: & aquelles ataõ as leis aos casos da fortuna, guardando so a palaura, & o que juraõ quando lhe importa à elles, & não quando importa aos vassallos. *Factus Regi cum Carthaginensibus erat grauius eis sanctiusque Barbaris, quibus ex fortuna pendet fides*

*Liui. nogo. Chri. cir.* Por estes fundamentos todos reduzidos a breuidade de hum sermaõ inuicissimo Principe Dom IOAM o IV. conuofco fallo deste lugar ja q̄ fuy taõ desgraçado que vos não pude fallar de rosto a rosto. *Dixit Dominus ad te tu pacifex populum meum Israel, & tu eris dux super Israel:* o Ceo quer que reyneis nettes reynos de Portugal, & q̄ nos gouerneis. E pera consolaçaõ nossa, & esperarmos que seja por muitos annos as vltimas palauras do nosso thema testificaõ que entrais de trinta, & seis reynar. *Triginta annorum erat Dauid cum regnare cepisset.* Nem me diga ninguem, que faltou à vossa elleiçaõ a circuntancia, que teue a de Dauid de ser feita depois da morte de Saul & de Isobeth seu filho, que como Saul deu em tirano logo Samuel lhe disse de mandado de Deos *progecit te Dominus ne sis Rex super Israel:* guardando o Ceo a justia que custuma em tudo porque como aduertio

*Reg. 1. c. 16. Abul. b. c.* Abulense: *Dominia rerum, & potestates a Deo sunt, & ille quem Deus voluerit esse Dominum habet verum titulum in re.*

Porem eu não me contento senhor com que sejais so Rey desta coroa vossa, espero em Deos, que o aueis de ser de hum largo imperio: que  
dua

duas prophecias que estaõ ainda por comprir entendendo que propria mente se disseraõ por vos, he a primeira de Pedro Angelio Bargeo na sua Hierosolimalib. 6. onde tras hum vatifinio de hum felicissimo Rey, q̄ affirma auia de nacer depois da era de 1600. o qual ha de dominar o mundo, alcançando gloriosos triunfos ate da Sythia fria, & Libia ardente: & porque entre todos os Principes de Europa, vos sois, o q̄ nacstes neste tempo a vos offereço os versos que encluem este uatifinio.

*Sed tamen exactos postquam volentibus annis*

*Sexcenta astatas sexcenta ex ordine bruna*

*Addiderint decies centenis orbibus orbes*

*Omnibus ex quo lux oculis est reddita nostris.*

*Nascetur pietate ingens inuictus & armis*

*qui bello aggressus populus contundet Eoos*

*Et Scithæa duras Libiæque immittet habenas*

*Tum vero toto surget gens aurea mundo*

*Aurea, sinceri quæ ceruantissima cultus*

*Rite Deum præcibus trinumque agnoscat, & unum.*

A segnnda prophécia comq̄ acabo he do Bispo de Pamplona, Dom Fr. Prudencio de sãdoual, na historia de Carlos quinto lib. 3. n. 2. fol mihi 102. onde affirma que vulgarmente audaua na boca dos Espanhois todos, & que naõ auia Castelhana, que naõ julgasse por verdade infalivel: q̄ auia de vir tempo que a *puerto de Villauisoza vernian muchas gentes en cauallos de madera aconpanhando al Gigante*. Sofrei que por despedida vos fallasse Castelhana, & despediuos todos de vos entenderdes mais com esta lingua te o dia do juiso: ja q̄ foy necessario vir o dia do juiso pera conhecerdes bem quam confusa Babel foy pera com vosco Castella. A qual sempre faber o que dezia nestas palauras prophetisou nossas glorias: porq̄ posto que Sandoual no lugar refferido, diz que se comprio esta prophécia quando Carlos quinto entrou em Villauisoza de Leão: eu digo ajudado do Incelso presente, que naõ se verificou senaõ agora em que aõ nosso Leão de Villauisoza do nosso Portugal foraõ buscar os nosos Portugueses, & aconpanharaõ este verdadeiro Gigante em animo, poder, & forças ate Lisboa, entrando em cauallos de pao todos, passando o Tejo em bateis: & se quiseredes entender a prophécia de gente que em nauios aconpanha outro Gigante da nosa Villauisoza, lembreuos o inuésuel Gigante do nosso Villauisoza o Infante & senhor D. Duarte, que esperamos por momentos a quem muytas gentes seguirãõ em caualos de madeira & galleons de guerra te o trazer ao seu Villauisoza: a gosar de hũa restituição que do Ceo faz o serenissimo Infante D. Duarte ao gram Duque D. IOAM porq̄ vendo o sanctissimo Infante desherdado injustamen-

te deste reyno a seus verdadeiros descendentes. noutros IOAM, & Duarte se torna a trocar a sorte em grande hõrra de Bargança, ficando o Duque IOAM com a coroa, & septho por representaçãõ viua do seruiissimo Infante Dõ Duarte: & este mesmo senhor, & Infante tomando pera si a casa de Bargança. noutro Infante Dom Duarte, que ate no nome o figura: & naõ vos contenteis com de presente entender esta fatal prophecia deste modo. Que eu espero que ou a hum, ou a outro Gigante inueniuel da nossa Villauioçosa seguirãõ muytas gentes em poderosas armadas pera cõquistar o mundo, & dar comprimento enteiro ao imperio dilatado q̃ ao nosso maior Gigante da nossa Villauioçosa tem Deos, & o Ceo prometido. Esta prophecia fez comque acabasse o sermaõ com o proprio seu principio. Olhai como Villauioçosa foy figurada em Hebron, q̃ se nesta CarriatArbe habitaraõ tres gigantes q̃ eu expliquei nas tres caras do Templo de Proserpina, q̃ em Calipoli fundou a gentillidade transformado este templo no do glorioso Apostolo S. Tiago assi como a antigua Calipoli em Villauioçosa: agora digo, q̃ neste Hebron Lusitano, & em esta Villauioçosa do Dauid Euangelico se vem oje os tres gigantes antigos de Hebron, sendo o primeiro S. Tiago, o segundo o nosso Rey, & o terceiro o nosso Infante vencendo, & desbaratando os tres Phelippes figurados nos gigantes de Caleb.

Entendame Castella estas parabollas, & repetir lhe hum Cõselho q̃ Isaias lhe da fallando com ella propria expressamente no c. 14. depois de prophetisar esta ventura taõ grande do nosso Portugual ter em seu prisidio estes poderosos gigantes. *Sumes parabolam istam contra Regem Babilonis, & dices. Quomodo cesauit exactor, qui euit tributum? Contriuit Dominus baculum impiorum virgam dominantium: & cadentem populos in indignatione, plaga insanabili subicientem in furore gentes, persequẽtem crudeliter. Conqueuit, & sicut omnis terra: gausa est, & exultauit, abietes quoque letat & sum super te, & Cedri Libani, ex quo dormisti non ascẽdit qui succidat nos. Infernus subter cõtributus est in occursum aduentus tui suscitauit tibi vigiles.* Fiquem estas palauras so ditas em latin pera ser maior parabolla: & se Castella quer ver a explicaçãõ dellas, por compaixaõ lhe declaro, q̃ no segundo capitulo do Deutoronomio a achara nestas palauras: *Cane ne pugnes contra eos nec mouearis ad prælum terra gigantum reputata est.*

E vos Portugueses meus, porq̃ taõbem com vosco me entenda cõ parabollas ouui, a q̃ Isaias vos derigio a vos diretamente naquelle Canticco alegre, q̃ compos patece q̃ anteuendo a vossa restauraçãõ, q̃ comessa vobis fortitudinis vestra sion saluator ponitur in ea murus, & ante murale: q̃ he a proteccãõ de seu diuino braço, q̃ pera isso defraou da Crus naõ auendo arteficio nenhum humano q̃ o possa fazer tornar ao primeiro lugar, comprimdoosse a prophecia q̃ se refere dizer a beata L. conor de E. tra tantos



tempos antes dando por synal euidente de Deos por os olhos neste Rey:  
no q̄ elle proprio descrauaria o braço da Crus: Ouui digo o q̄ Isaias vos  
diz no verso desimo nono: *Vient mortui tui, interfecti mei resurgent, expurgiscimi* Isai. 26.  
*ni, & laudate qui habitatis in puluere quia ros lucis ros tuus & terram gigantum detra-*  
*hes in ruinam.* Viuiraõ ate os mortos Portugueses com esta noua alma q̄ oje  
anima Portugal o nosso felicissimo Rey Dom IOAM o IIII. q̄ viua muy  
tos annos: vemos viuer aquelles nossos Dous Reys o pay, & o filho renaci-  
dos nesta desima sexta geraçaõ sua poderosos gigantes em deffençaõ nos-  
sa, & os brios de nossos pays, & auos a que sepultou mais a perda dos seus  
Reys q̄ a propria morte nos virãõ das sepulturas, porq̄ este rayo da guerra  
q̄ o Ceo nos deo sendo raio de lus nossa, fara q̄ Portugal seja huã terra de  
gigantes pera aruinar Castella. Leuantai uos Portugueses os q̄ tegora jasi-  
ens abatidos, & andaucis pello chaõ & como filhos da terra tomay for-  
ças de gigantes sem rebeliaõ do Ceo, antes reconhecendo q̄ de Deos vos  
veio este bem taõ grande, que eu vos fico q̄ se assi o miserdes, tenhais

nesta vida os dons que o nome do nosso Rey prometõ a to-  
dos nos, & nem nos queiramos mais IOANNES

*domini donum, domini misericordia domini*

*gratia:* penhores todos da

eterna gloria ad quam

&cæt.

F I N I S.

FOY ESTE SERMAM TAM COMPRIDO

porq̄ tres vezes em publicas voses me obrigo n

o Auditorio todo a q̄ fosse por diante,

tanto he o amor de toda esta Cidade

que a seu Rey tem, q̄ viua

muytos annos, viua,

viua.

IN LAUDEM SAPIENTISSIMI D. FR. LVDO-  
uicide Saa in solemni inuictissimi Dñi. nostri Regis D  
IOANNIS IV. acclamatione primipilares gratias  
agentis, in hac alma Conimbricensi Academia Ma-  
gistri sacrae Theologiae dignissimi, Antonij Ca-  
mello Pestana in eadē Vniuersitate olim  
Philosophiae nunc iuris pontifi-  
cij professoris

O D E.

**A** *Vgusta quarti gloria Principis  
Phenicis instar clara renascitur;  
Extincta maiestas theatrum*

*Posthabitis renouat sepulchris.*

*Amisssa sceptri gloria lysici;*

*Sublimioris Martis adorea,*

*Inaugurato sub IO ANNE*

*Lysiadum rediuiua surgit.*

*Phenice laudes ingeniosior*

*Primus IO ANNIS tollis ad aethera,*

*Dum concionaris trophaea*

*Lysiadum Lodoice primus.*

*Tu prima nostris Principis auribus*

*Infers IO ANNIS nuntia praedicans*

*Authore te iucundiora*

*Eloquio potiora tali.*

*Calligmosis Lysia nubibus,*

*Iniuriarum pressa tumultibus,*

*Te concionatore frontem*

Explicuit fruitura letam.

Te digna tanti gloria principis  
Præcone, dignus tu quoque principe  
Inaugurato Rege viuis,  
Viuit in eloquio IOANNES.

Quod munus olim præuius exhibet  
Christo IOANNES, docta panegyris  
Præstat IOANNI, encomiastes  
Primitias Lodoicus offert.

Fert inuidendam sors sua lysiam  
Orbi, iuuentus cui noua redditur,  
Ales renascens æmulatur  
Lysiadum rediuiua sceptrâ.

Stupent disertis, quos tua concitat  
Donis Mineruæ sors preciosior,  
IOANNIS ignes intuenti  
En acies aquilina cedit.

Astris alumnus fert Academia,  
Minerua primis auget honoribus,  
Nulli secundum Pallas omni  
Prosequitur rude laureandum.

Girabit amplo dum super æthere,  
Phæbus coruscans, viscera montium  
Dum ceruus intret vulneratus,  
Dum sobolem Philomela ploret.

Dum Monda ponto stagna liquentia  
Segnis reuoluet, dum Tagus aurea  
Perennis æternus super stes  
Viuet honos, tua fama, virtus.

Explicat...  
 Te...  
 JOANNES...  
 Quod...  
 (B...)  
 Pr...  
 Fer...

**A**

Super...  
 Davis...  
 JOANNIS...  
 En...  
 After...  
 Minus...  
 Vall...  
 Pro...  
 Grad...  
 P...  
 Dum...  
 Dum...  
 Dum...  
 S...  
 P...  
 H...